

Janeiro
Fevereiro
Março
2015

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO JAN-MAR 2015

Os horários de funcionamento das nossas galerias de exposições de Lisboa mudam a partir de 2 de janeiro. Vamos passar a fechar às segundas-feiras, como todos os museus e monumentos. As pessoas não estão à espera que na Culturgest seja diferente. Por isso, às segundas-feiras não temos quase ninguém. Em contrapartida, o horário alarga-se ao fim de semana e feriados: abrimos às 11h e fechamos às 19h. Aos domingos continua a ser, durante todo o dia, entrada gratuita. Parece-nos ser esta a melhor solução para o público.

Com a alteração do horário de abertura das galerias, há pequenos ajustamentos nos horários das bilheteiras. Com uma rápida consulta à página das informações, fica a saber desses horários.

Temos, nas duas galerias de Lisboa, uma exposição a que já ouvimos chamar de sublime. Pouparamos os adjetivos. Uma breve descrição chega: são expostos 260 cartazes de artistas famosíssimos do século XX, como Dubuffet, Oldenburg, Andy Warhol, Rauschenberg, Sol LeWitt, etc. etc.

São, na sua maioria, cartazes de exposições dos próprios artistas, que não quiseram que fossem *designers* a fazê-los, mas entenderam deixar a sua marca nos suportes de divulgação das suas exposições. Mas também há cartazes de espetáculos de dança ou de concertos de música, e até mesmo de um casamento e de um aniversário.

A exposição está organizada por artistas e segue, com pequenas exceções, a ordem cronológica dos artistas e das suas obras. O que permite, a quem nisso tenha interesse,

não só seguir o percurso de vários artistas através dos cartazes que foram fazendo ao longo da sua carreira, como faculta ao visitante um pequeno resumo, ao vivo, da história da arte do século XX.

Mas, e sobretudo, o que mais interessará às pessoas, é a beleza dos cartazes. E são muito bonitos. Ainda não conhecemos ninguém que não saísse entusiasmado. É uma exposição muito diferente do que normalmente apresentamos. Acessível a toda a gente, incluindo os miúdos (não muito pequenos, claro). Pode vir com eles. Talvez não veja todos os cartazes numa visita, mas se voltar ao domingo, pode ver o resto sem pagar.

Enfatizamos esta exposição neste texto – na ilusão de que alguém por ele se possa convencer – porque achamos que pode interessar a muitas pessoas. A mais pessoas do que aquelas que costumam nos visitar. E seria pena que a perdessem. Venha, e espalhe a notícia.

Na fabricação destes textos que introduzem as nossas brochuras com a programação, hesitamos sempre entre dois caminhos possíveis. Falar apenas dos espetáculos, conferências, ciclos de cinema, etc. que achamos possam interessar mais gente ou falar de todos, sem exceção, chamando a atenção para uma ou outra característica ou notícia que possa passar despercebida.

Seguimos sempre a segunda hipótese (haverá ainda uma terceira, que é não falar de nenhuma iniciativa individualmente ou em grupo, e procurar refletir sobre temas que se relacionem com a programação ou parte dela),

porque não conseguimos dizer que uns são melhores que outros. Além disso, o gosto de quem escreve não coincide com o das outras pessoas. Haverá algumas que concordam, outras que não.

Desta vez, como já gastámos muito espaço a aborrecer-vos só com dois assuntos – os novos horários das galerias e a magnífica exposição de cartazes de Lisboa (vai abrir outra, mais pequena, também de cartazes de artistas, que não tem relação direta com esta, na nossa galeria no Porto, que assim volta a apresentar exposições) – não podemos falar de todas as nossas iniciativas, uma por uma.

Mas podemos dizer, porque é verdade, e facilmente se nota se se passar os olhos por estas páginas, que, mais uma vez, temos uma programação muito variada. Variada nos géneros artísticos, nos assuntos, nos tipos de iniciativas, nos públicos a que se dirigem, nas linguagens criativas, no risco que os artistas assumem, nas questões de que nos querem falar.

A curiosidade é uma característica de todas as pessoas. Mas não temos curiosidade por tudo. Ou podemos ter por muita coisa, mas não temos meios para a satisfazer.

A sensação que já temos desde há uns anos é que, dada a dificuldade dos tempos as pessoas se retraem na ida a espetáculos, por exemplo, quando não conhecem os artistas. Tendem a ver aquilo que julgam que é seguro, que lhes vai dar satisfação, prazer, e não arriscam. Nós convidamos-vos ao risco. Porque quem não arrisca... Se vamos sempre pela certa, vão-nos escapar coisas sublimes.

Procuramos para a nossa programação, para além de artistas que já são conhecidos, outros que nunca vieram a Lisboa ou a Portugal e que pensamos serem muito bons.

Procuramos, com as nossas escolhas, que, durante o ano, qualquer pessoa que tenha um módico de curiosidade pelas manifestações da criação ou do pensamento humanos, encontre, no mínimo, um bom motivo para vir à Culturgest (na verdade, esperamos que seja mais do que um).

Uma justificação para finalizar. Ao longo do ano vamos ter espetáculos que, embora integrados na nossa programação, não nos custam dinheiro. O proveito dos artistas e dos seus promotores é, apenas, a receita de bilheteira. Na gíria diz-se “vêm à bilheteira”.

Para estes casos (raros), abolimos os descontos. Todos. Apenas mantemos o preço especial para jovens e desempregados. Porque nestes casos, os artistas e a sua produção vão viver da receita de bilheteira. Que é curta. Mesmo que a venda corra bem, a lotação da sala não permite grandes receitas e depois das despesas, o que sobra para os artistas e as outras pessoas que trabalham no espetáculo, é muito pouco. Para quem pouco recebe, o pouco faz diferença. O desconto faz diferença.

E cá ficamos, a torcer e a sofrer para que venham. Com desilusões, por vezes, mas também com grandes alegrias. Como se faz a vida.



© DMF, Lisboa

A Culturgest dispõe em Lisboa de uma livraria especializada em arte contemporânea, cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest, assim como muitas outras relacionadas com artistas que aqui expuseram o seu trabalho, mas nela estão também representados muitos artistas não abrangidos pelo programa de exposições. A livraria inclui ainda uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de escritos sobre arte, com especial ênfase na história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão repartem as prateleiras com projetos editoriais de menor escala ou mesmo de muito pequena dimensão. Quase todas as publicações são disponibilizadas a preços reduzidos, por vezes muito reduzidos, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

Culturgest runs a bookshop in Lisbon that specialises in contemporary art. Its titles are very carefully selected, being based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, Culturgest's own publications are all to be found at the shop, as well as many others relating to artists who have already exhibited their work here. But other artists are also represented, whose work has not been covered by the exhibition programme. The bookshop also includes a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications that can sometimes be grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; major publishers share shelves with lesser-sized publishing projects or even very small publishers. Almost all of the publications are placed on sale at reduced, and sometimes extremely tempting, prices, so that we can share them with as many people as possible.

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h. Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h. Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições. Tel. 21 790 51 55

Conferências

- 12 **Todos os Lugares** com Ricardo Carvalho
- 28 **O poder dos afetos**
- 30 **No Church in the Wild: A Estética da Anarquia**
com Jack Halberstam
- 50 **Lança o teu pão sobre as águas**
com Maria Filomena Molder

Teatro

- 14 **Pocilga** de Pier Paolo Pasolini
- 34 **Eurovision + Israel + Tear Gas**
de Pedro Zegre Penim para o Teatro Praga

Leituras

- 16 **Comunidade de Leitores**

Música

- 18 **Alexandra Grimal e Giovanni di Domenico**
- 20 **Norberto Lobo**
- 22 **Amélia com versos de Amália** Amélia Muge
- 24 **Hootenanny**
- 25 Ronnie Baker Brooks
- 26 Trio Joe Colombo
- 27 Mingo & The Blues Intruders
- 32 **Toumani & Sidiki Diabaté**
- 38 **Yuri Daniel Quartet** Ritual Dance
- 40 **Festival RESCALDO**
- 52 **Joel Silva** Geyser
- 56 **Driss El Maloumi** Makan
- 60 **Michael Formanek's Cheating Heart**
- 68 **Nate Wooley**

Dança

- 48 **projeto continuado (2015)**
de João dos Santos Martins
- 54 **Danza 220V**
- 70 **Pântano**

Visitas

- 58 **Nos bastidores da Culturgest**

Workshop/Mesa redonda

- 62 **Cumplicidades** Festival Internacional
de Dança Contemporânea de Lisboa

Cinema

- 64 **O que é um acontecimento?**
Encontros com os filmes de Trinh T. Minh-ha,
Peter Hutton, Larry Gottheim, Hollis Frampton,
Joyce Wieland e vídeos de Sérgio Taborda

Exposições

- 74 **Honey, I rearranged the collection... by artist**
Cartazes da Coleção Lempert (capítulo 1/1.ª parte)
- 76 **Pinceladas de celuloide: uma antologia**
da perceção filmica do artista de 1942 até hoje
- 78 **A doce e ácida incisão**
A Gravura em contexto (1956-2004)

Serviço Educativo

100 Informações

Programação

Todos os Lugares

com Ricardo Carvalho



Ilha de Híttra, Noruega, 2008 · Fotografia: Ricardo Carvalho

QUARTAS-FEIRAS
DE 7 A 28 DE JANEIRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

A ideia do lugar não é habitualmente abordada na vida quotidiana. Mas os lugares são o suporte fundador da nossa experiência singular e coletiva. Falamos de lugares sobretudo quando nos referimos aos destinos que reservamos para o tempo livre. O turismo quase exauriu o significado fundador do lugar para o substituir por uma imagem de rápida apropriação. Uma imagem que exclui a participação ou o confronto. Os lugares que aqui se abordam podem fazer parte da vida quotidiana, dos caminhos diários dos outros. Estão muitas vezes distantes dos monumentos.

Sabemos de uma literatura de lugares que nunca existiram. Há outra, mais abundante, que os reinventou a partir da força da palavra. Mas não foi apenas a literatura que demonstrou essa capacidade de olhar e compreender os lugares, na sua vastidão e complexidade. A arquitetura, a disciplina transformadora dos lugares e das condições de vida, sempre recorreu a essa estratégia da experiência simultaneamente real e ficcional para retirar ideias de lugares longínquos e reinventar a cultura e a identidade desses novos lugares que propõe construir.

As quatro sessões abordam os lugares a partir de ideias sobre o banal, a repetição, o espaço público e a surpresa. São as fotografias o fio condutor do discurso. Imagens de um arquivo pessoal, que tem sido apresentado a propósito do trabalho de Ricardo Carvalho como arquiteto, e que inclui *polaroids*, fotografia analógica, digital e outras feitas com telemóveis. As quatro conferências abordam a arquitetura e a cultura contemporânea num percurso em quatro partes: O banal e o singular, Repetir nunca é repetir, Lugares públicos: empatia e fricção, Imprevisibilidade.

Ricardo Carvalho nasceu em Lisboa e é arquiteto. O trabalho do *atelier* Ricardo Carvalho + Joana Vilhena Arquitetos tem sido exposto e publicado internacionalmente. É Professor do Departamento de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa e diretor do mesmo desde 2013. Foi Professor nas Universidades do Brandemburgo, BTU Cottbus, Alemanha e de Navarra, Espanha. Escreve regularmente sobre arquitetura e coleciona livros de viagem.

7 de janeiro
O banal e o singular

14 de janeiro
Repetir nunca é repetir

21 de janeiro
Lugares públicos: empatia e fricção

28 de janeiro
Imprevisibilidade

Places are the very basis of our singular and collective experience, but tourism has since replaced this meaning with an image that can be rapidly appropriated. The places looked at here, however, are part of the everyday life of others, often far removed from monuments. Architecture offers a real and fictional experience drawing upon ideas of faraway places to reinvent the culture and identity of new places yet to be built. The four sessions use photographs from Ricardo Carvalho's personal archives to look at places based on ideas about banality, repetition, the public space and surprise.

Pocilga

de Pier Paolo Pasolini
Encenação de John Romão



© Rui Palma

QUI 15, SEX 16, SÁB 17
DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h30
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na sexta-feira dia 16,
após o espetáculo, haverá
uma conversa com os
artistas na Sala 1.

*Se me visses um só instante
como sou na realidade, correrias
aterrorizada a chamar um
médico ou uma ambulância.*

P. P. Pasolini, *Pocilga*

O Colectivo 84 é uma estrutura
apoiada pelo Governo de
Portugal, Secretário de Estado
da Cultura, Direção-Geral
das Artes.

Texto Pier Paolo Pasolini (*Porcile*, 1968) **Tradução e encenação** John Romão **Com** Albano Jerónimo, Ana Bustorff, Cláudio da Silva, João Lagarto, Mariana Tengner Barros, Pedro Lacerda, Paulo Pinto, Guilherme Moura, Mickael de Oliveira e figurantes **Colaboração na dramaturgia** José Manuel Mora **Música** Nicolai Sarbib **Espaço sonoro** João Bento **Cenografia** F. Ribeiro com John Romão **Desenho de luz** José Álvaro Correia **Assistência de luz e direção técnica** Rui Monteiro **Assistência de encenação** Solange Freitas **Produção** Stage One **Coprodução** Colectivo 84, Culturgest, Teatro Nacional São João, Teatro Viriato, Teatro Virgínia **Residência artística** O Espaço do Tempo **Apoio** Bial de Teatro de Veneza / Laboratórios Internacionais, Eira, Manteigaria – Fábrica de Pastéis de Nata, Teatro da Garagem, São Luiz Teatro Municipal, anasousaatelier
Espectáculo coproduzido no âmbito da Rede 5 Sentidos
Agradecimentos Miguel Pinheiro

Tudo o que Pier Paolo Pasolini escreveu e filmou está ligado à dimensão do íntimo, à vida do corpo humano. Em *Pocilga*, corpos e porcos são objeto de uma mesma ocultação, de uma única depreciação. Pasolini faz um retrato metafórico da decadência e degradação humanas que alastram na sociedade capitalista, contando a história de um homem cuja paixão é motivo de escândalo. Que tem a sua diversidade, o amor desviante, a sua monstruosidade, a ver com o massacre de milhões de corpos na Alemanha nazi? Uma aliança política faz um pacto de silêncio para calar “tudo o que não vive”, ou seja, tudo o que não é visto aos olhos do outro.

O amor, o sagrado e o político são três das dimensões desta peça extraordinária que tem aqui a sua estreia nacional em português. John Romão tem trabalhado recentemente o universo de Pasolini: criou um espetáculo a partir de *Teorema* e coencenou *Cada Sopro* de Benedict Andrews, que tem por base o mesmo filme. Dirigiu também obras com textos de Rodrigo García, Angélica Liddell, Paulo Castro, Mickael de Oliveira e Dimitris Dimitriádis, entre outros.

Everything that Pasolini wrote and filmed is linked to matters of intimacy, to the life of the human body. In *Pigsty*, bodies and pigs are subjected to the same concealment and depreciation. Pasolini paints a metaphorical portrait of the human degradation that has spread across capitalist society, telling the story of a man whose passion is the cause of scandal. What does his deviant love have to do with the massacre of millions of bodies in Nazi Germany? A political alliance is created in order to silence “everything that does not live”, everything that is not seen in the eyes of the other. Love, the sacred and the political are three aspects of the national première, in Portuguese, of Pasolini’s extraordinary play, directed by John Romão.

Comunidade de Leitores

Crises

por Helena Vasconcelos



Anónimo. Puebla Kitchen, sd.

**QUINTAS-FEIRAS
DE 15 DE JANEIRO
A 26 DE MARÇO**

Sala 1 · 18h30

Inscrições (limite 40 pessoas) na bilheteira da Culturgest, pelo telefone 21 790 51 55 ou pelo e-mail culturgest.bilheteira@cgd.pt

Numa época em que se fala tanto em “crise”, é oportuno rever esse conceito nas suas múltiplas formas, como nos surge nas grandes obras literárias. Sabemos que se trata de um fenómeno constante na História e na vida de todos nós, embora seja referido com maior pertinência neste nosso tempo de informação global e instantânea. As crises têm causas obscuras e consequências imprevisíveis, é possível que derrotem os mais fortes e deem alento aos mais fracos – ou vice-versa – que incentivem os criativos ou desmoralizem os impacientes; também podem arrasar economias, destruir comunidades, família e “egos” ou, pelo contrário, fazer ressuscitar forças desconhecidas e inexplicáveis. As crises são matéria de eleição da Literatura pelo seu carácter conflitual e potencial dramático e, neste ciclo de leituras, discutiremos o seu impacto político, social e psicológico no âmbito familiar (Doris Lessing) na confusão identitária (J.M. Coetzee), no processo do crescimento desde a infância (Luísa Costa Gomes) na luta pela sobrevivência (Joyce Carol Oates), no espaço conjugal (Jeffrey Eugenides), e como fonte de perturbação na meia-idade (Muriel Spark). Um bom pretexto para ainda melhores leituras.

At a time when we are forever talking of “crises”, it is useful to review this concept as it appears in the great literary works. Constantly present in history and in our lives, it is even more pertinent in these times of global and instant information. Crises have obscure causes and unforeseeable consequences, defeating the more powerful and boosting the weaker (or vice versa), encouraging the creative or demoralising the impatient; destroying economies, communities, families and “egos” or resuscitating unknown and inexplicable forces. An excellent subject for our next cycle of reading.

15 de janeiro

O Sonho Mais Doce, Doris Lessing, ed. Presença

29 de janeiro

Verão, J.M. Coetzee, ed. Dom Quixote

12 de fevereiro

Cláudio e Constantino, Luísa Costa Gomes, ed. Dom Quixote

26 de fevereiro

A Filha do Coveiro, Joyce Carol Oates, ed. Sextante

12 de março

Enredo Conjugal, Jeffrey Eugenides, ed. Dom Quixote

26 de março

O Apogeu de Miss Jean Brodie, Muriel Spark, Ahab editores

Alexandra Grimal e Giovanni di Domenico

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário Pedro Costa



© Helene Collon

SEX 16 DE JANEIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M6

Saxofone tenor e soprano Alexandra Grimal
Piano Giovanni di Domenico

É sempre um risco quando se adota um instrumentário tão “clássico” quanto o do duo de um piano com um sopro. Ainda que continue a ser possível fazer algo de criativo e novo com este modelo secular, o certo é que as suas coordenadas originais – as da música erudita antes mesmo das do jazz propriamente dito – se impõem sempre, e com naturalidade. Giovanni di Domenico e Alexandra Grimal não fogem a esse enquadramento neste projeto conjunto e é por isso que a música que propõem tem uma clara carga camerística.

O que podia ser uma limitação formal eles transformam num jogo de exploração de possibilidades. Instrumentistas e compositores de jazz com formação académica que também são conhecidos pelas suas incursões na música livremente improvisada, decidiram-se ambos a definir um jogo entre o escrito e o tocado espontaneamente que salta para fora das margens estabelecidas.

Nascida no Cairo em 1980, a saxofonista (tenor e soprano) Alexandra Grimal tem repartido a sua atividade entre projetos próprios, a exemplo do seu grupo Naga (com nomes como Marc Ducret e Benoît Delbecq), e de terceiros, destacando-se o tenteto Can You Hear Me? de Joelle Léandre e a Orchestre National de Jazz sob a direção de Olivier Benoit. Pelo caminho, trabalhou com músicos tão diversos quanto Thomas Morgan, Tyshawn Sorey, Lee Konitz, Gary Peacock, Paul Motian, Benjamin Duboc, François Tusques, Jean-Jacques Birgé ou o português João Lobo.

Natural de Roma (1977), mas com a infância passada em países como a Líbia e a Argélia, Giovanni di Domenico é o menos previsível dos pianistas, não surpreendendo, pois, a sua inclusão no coletivo Trance Mission, do marroquino Hassan El Gadi. Os sons do Norte de África e do Médio-Oriente estão tão imbuídos no seu estilo pessoal quanto a música de Debussy ou Berio e as influências que recebeu de Cecil Taylor e Borah Bergman. Ao longo do seu trajeto tem colaborado com figuras conhecidas pela sua atitude experimental, como Nate Wooley, Chris Corsano, Arve Henriksen, Jim O'Rourke e Toshimaru Nakamura.

Adopting such a “classical” combination of piano and wind instrument is always risky. Even if this age-old model still permits something new and creative, its original coordinates (erudite music even before jazz, strictly speaking) always end up imposing themselves, and naturally so. The duo of Rome-born Giovanni di Domenico and Cairo-born Alexandra Grimal is no exception, offering us what is clearly a form of chamber music. Yet they transform what could be a formal limitation into music that flits between what is written and what is spontaneous, leaping over established boundaries.

Norberto Lobo

Ciclo de concertos comissariado
por Filho Único



© Vera Marmelo

SEX 16 DE JANEIRO

CULTURGEST PORTO
22h · Duração: 50 min.
5€ (preço único)

M6

Bilhetes à venda nos locais
habituais e na Culturgest
Porto.

Guitarra acústica Norberto Lobo

Norberto Lobo (Lisboa, 1982) é uma das figuras principais da música portuguesa contemporânea, um artista independente e empírico, que não ironiza sobre o futuro ou o destino, antes age, opera e materializa, e assim no curso da sua carreira vai transformando o seu mundo e o de quem o ouve e acompanha. Estreando-se com *Mudar de Bina* na portuense Bor Land em 2007, conta já cinco álbuns na sua discografia a título individual, tendo o anterior *Mel Azul* conquistado o prémio de disco do ano da revista *Time Out Lisboa* e sido nomeado para melhor álbum europeu independente, depois da revista *BLITZ* ter atribuído a *Fala Mansa* a distinção de disco nacional em 2011. Norberto tem viajado por Portugal e o mundo durante a última década, de múltiplas digressões pela Europa a uma jornada no Canadá, de uma residência artística em Cabo Verde às visitas em duas ocasiões ao Japão. Encontros luminosos com outros pares também se vão sucedendo, desde a consolidada parceria com o baterista João Lobo, até a colaborações ao vivo com músicos como Naná Vasconcelos, Devendra Banhart ou Rhys Chatham. No seu novo disco, *Fornalha*, lançado na suíça three:four records e nesta noite em apresentação na Culturgest Porto, voltamos a realizar que a probabilidade de não existir mais território para as suas composições à guitarra é justamente desarmada pelo espaço prodigioso que a sua música continua a abrir e a oferecer-nos. Da ficção violoncelista do tema de abertura homónimo à poesia do deserto magrebe em voga sideral de *Maryam*, da precisão delicadoce de *Fran* ao chorinho *folk* recitado de *Pen Ward*, Norberto continua a impulsionar a inovação no seu trabalho com uma subtilidade tal que o parece revestir de uma espécie de liberdade fantástica. Filho Único

One of the leading figures in contemporary Portuguese music, Norberto Lobo (Lisbon, 1982) prefers not to be ironic about the future or our destiny, but instead acts upon it, transforming his world and that of his listeners. With five albums already under his belt, including the award-winning *Mel Azul* and *Fala Mansa*, Norberto has travelled and performed all over the world in the last decade, completing an artistic residency in Cape Verde and twice visiting Japan. Tonight, at Culturgest Porto, he will be presenting his new album *Fornalha*, in a fascinating blend of innovation and subtlety.

Amélia com versos de Amália

Amélia Muge



© Egle Bazaraitė

SEX 23 DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M6

Direção artística Amélia Muge **Direção musical, coprodução** José Martins **Voz, guitarra braguesa, percussão** Amélia Muge **Guitarras acústicas (cordas de nylon e de aço) e elétrica** António Pinto **Violoncelo** Catarina Anacleto **Clarinetes, saxofones e flauta** Daniel Salomé **Percussão** Ivo Costa **Violino, bandolim** Manuel Maio **Músicos convidados** António Quintino (contrabaixo), Pedro Santos (acordeão) **Captação sonora e interação instrumental** José Martins **Desenho de luz** Manuel Mendonça **Vídeo imagens e guião** Amélia Muge **com montagem de** José Martins **Produção** Culturgest, UGURU **Apoio** SPAutores, Museu do Fado (EGEAC), FGDA, Delta Cafés

“Fiquei deslumbrado. Aquilo era a Amália toda inteira”... Assim descreve Vítor Pavão dos Santos o seu encontro com os versos de Amália. Assim fiquei eu também quando os li. A ideia de Manuela de Freitas para que musicasse parte destes originais ajudou-me a encontrar a forma certa para uma homenagem a Amália, ao fado e aos fadistas. Tantas canções que não teria composto se não fossem eles! Musicar versos de Amália e cantá-los a meu jeito, foi o ponto de partida. Em termos artísticos tive o privilégio de contar com o desmesurado talento e dedicação de três pessoas de exceção: José Mário Branco, com a direção musical, arranjos e composição, ajudou a criar a paisagem sonora (variada e única) para as palavras de Amália; Michales Loukovikas, com as suas composições, abriu horizontes até ao oriente com modos musicais como o Huzzâm e o Sabâ; José Martins, com os seus arranjos em temas meus ligados a um bestiário popular e bem humorístico, ajudou a levar as palavras para um lado mais telúrico e experimental.

Algumas canções roçam o fado. Outras foram beber à tradição rural, às músicas do mundo ou à canção de texto. Outras ainda, são de todo o lado e nenhum, pontuando comicidades e afetos decorrentes do que Amália nos descreve com uma intensidade que só os grandes herdeiros de um património milenar são capazes de transmitir. Este *Amélia com versos de Amália* ao vivo encontra, na Culturgest, o seu espaço de eleição. Vai ser um encontro de encontros vários, neste palco do mundo, em Lisboa.

Amélia Muge

Manuela de Freitas' idea of setting part of Amália's original verses to music helped me find the right way of paying homage to Amália, fado and fado singers. I was privileged to work with three exceptional people: José Mário Branco helped create the varied and unique sound landscape for Amália's words; Michales Loukovikas opened the way to the east with musical modes such as *huzzam* and *saba*; and José Martins' arrangements explored the more terrestrial and experimental side of the words. Culturgest is the ideal venue for this live performance of *Amélia com versos de Amália*. (Amélia Muge)

Hootenanny

Ciclo comissariado por Ruben de Carvalho

DE SEX 30 DE JANEIRO
A QUA 4 DE FEVEREIRO

M6

A universalidade da herança musical afro-americana é um dado reconhecido, mas a verdade é que é sobretudo o legado e influência do jazz que ocorrem na sequência daquela constatação. Do simples aparecimento de intérpretes e formações inteiramente a ele dedicadas à influência exercida sobre outros criadores e expressões musicais, não houve distâncias oceânicas que fossem barreira à estimulante sedução do resultado do encontro entre as tradições musicais africana e europeia verificado em terras americanas.

Contudo, e apesar do seu papel determinante na formação e percurso do jazz, o mesmo não aconteceu com os *blues*. Talvez porque relevam de forma especialmente profunda da identidade africana, afro-americana, negra, gerando, numa aparente simplicidade, uma linguagem exigente, repleta de expressividade, emoções e sentimentos. E não deixa de ser significa-

tivo que a sua inquestionável influência na música popular contemporânea se tenha feito essencialmente através dos mais dançáveis *rhythm & blues*, uma evolução musical fruto da urbanização e da migração negra do Sul original para as cidades maioritariamente brancas do Norte dos EUA. Os *r&b* – e o rock que deles nasceu – são hoje praticamente universais, mas os *blues* como que parecem querer manter-se identificados, de forma própria, constante, exigente, às raízes afro-americanas em que nasceram. Impondo, para a sua criação ou fruição, uma profunda e sentida ligação ao seu universo de músicas e vidas.

É por isso particularmente interessante encontrar *blues* fora do seu berço natal e, sobretudo, escutar o diálogo, a forma como os sentem músicos com diferentes origens e influências.

Em 2015, o Hootenanny completa – indispensavelmente! – o seu programa com *blues* vindos de um dos seus mais ricos berços – Chicago. Mas iremos também saber de migrações europeias – Suíça e Espanha!

There is no doubt that the roots of jazz can be found in Afro-American music, but other influences have also been at work. With the *blues*, however, the African, Afro-American, black identity goes much deeper. And it is curious to note how *rhythm & blues*, resulting from the migration of the southern black population to the white cities of the north, took the American musical world by storm as it transformed into rock. That is why it is particularly interesting to hear the blues away from its birthplace and listen to the dialogue it establishes with musicians from other origins and influences.

Ronnie Baker Brooks

SEX 30 DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
15€ · Até aos 30 anos: 5€

Guitarra baixo, voz Ronnie Baker Brooks, Ari Seder
Bateria DuJuan Austin
Teclado, voz Daryl Coutts
Saxofone Dudley Owens
Trompete Phil Perkins
Trombone Norman Palm

O último disco de Ronnie Baker Brooks tem como título *The Torch*, o archote, designação que a crítica da especialidade considerou inteiramente adequada à fulgurante técnica da guitarra de um músico igualmente reconhecido como cantor e compositor.

Nascido em 1967 numa família de *bluesmen*, subiu ao palco pela primeira vez aos 9 anos, ao lado de seu pai, o lendário Lonnie Brooks, hoje com mais de 80 anos e, originário da Louisiana, figura destacada da determinante Alligator Records.

Em 1986 (após uma pouco frequente, no meio dos músicos de *blues*, formação musical escolar de quatro anos), integrou a banda do seu pai

como guitarra baixo, colaboração que aliás manteve até há pouco quando se apresentava igualmente com seu irmão, o guitarrista Wayne Brooks, como *The Brooks Family Band*. Iniciou em 1998 a carreira a solo, gravando logo nesse ano para a Watchdog o álbum *Golddigger* e no ano seguinte foi nomeado para o prémio de Melhor Artista de *Blues*.

Além de numerosas digressões nos Estados Unidos, trabalhando regularmente em Chicago, realizou igualmente digressões europeias. Com Buddy Guy, Keb Mo e seu pai, participou em 2013 no concerto organizado pelo mayor de Chicago Rahm Emanuel comemorando a eleição de Barack Obama.

Na sua atuação em Lisboa será acompanhado por um

sexteto incluindo a tradicional formação de Chicago *Blues* com naipes de sopros.

The title of Ronnie Baker Brooks' latest album *The Torch is perfectly suited to this singer-songwriter's brilliant guitar technique. Born in 1967, he began playing at the age of nine, joining his father the legendary Lonnie Brooks, in 1986, and later his brother, the guitarist Wayne Brooks, in The Brooks Family Band. He began his solo career in 1998 with the album Golddigger, and was later nominated for the award of the Best New Blues Artist.*

He has made countless tours of the US and Europe, working regularly in Chicago. In Lisbon, he will be accompanied by a sextet, including a set of horns.



Trio Joe Colombo

SEG 2 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
5€ (preço único)

Slide guitar Joe Colombo
Guitarra baixo Gian-Andrea Costa
Bateria Tony Rotta

Joe Colombo é uma daquelas figuras de músico multifacetado e apaixonado que inteiramente explica como é que um europeu nascido na Suíça alterna as suas atuações – ou do seu trio – com a participação como músico em digressões nos Estados Unidos na banda de Terry Evans, o clássico *backing vocalist* de Ry Cooder, e entretanto compoñha canções para o cantautor italiano Eugenio Finardi. Sendo que o título do seu primeiro álbum, *Natural Born Slider*, de 2002, foi-lhe atribuído pela crítica e não inventado pelo próprio...

A relação com Terry Evans assume particular importância porque deriva de um convívio diário surgido na permanência de Colombo nos Estados Unidos a partir de 2005 quando, já consagrado na Europa, concluiu que necessi-

tava de ir às origens no seu trabalho não apenas em torno da guitarra elétrica, mas também da acústica.

Joe Colombo acaba assim a ser uma interessante demonstração da reunião de um conhecimento metucioso dos solos de Hendrix, Clapton ou Jeff Beck, com a característica sonoridade americana de Stevie Ray Vaughan ou de Robben Ford.

O trabalho nos EUA juntou a sensibilidade da música branca com os *blues*, a técnica de guitarra de ambas – e Colombo tem levado esse interessante som a toda a parte, da Califórnia à Polónia, do suíço Festival de Jazz de Lugano... à Culturgest!



© Matteo Ceschi

Swiss-born Joe Colombo alternates his own performances (solo or with his trio) with his work in the band formed by Terry Evans, Ry Cooder's former backing vocalist, while also composing songs for Italian singer-songwriter Eugenio Finardi. His relationship with Terry Evans derives from their regular daily contact during his stay in the US, when he decided that he should further explore the origins of his work. Combining the sensitivity of white music with the blues, Colombo has taken his fascinating sound everywhere, from California to Poland and from the Lugano Jazz Festival... to Culturgest!

Mingo & The Blues Intruders

QUA 4 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
5€ (preço único)

Harmónica, voz Mingo Balaguer
Guitarra Quique Bonal
Guitarra baixo Fernando Torres
Bateria Juan de La Oliva

Mingo Balaguer é um nome ligado aos *blues* em Espanha desde 1983, quando se iniciou na histórica banda Caledonia Blues Band, da qual se manteve como vocalista e harmónica até 1998, ano em que o grupo se dissolveu. Após uma breve experiência com The Blues Machine, Mingo tomou em 2002 a iniciativa de constituir um quarteto, Mingo & The Blues Intruders.

Para além da já larga experiência do fundador, o grupo conta com a guitarra de Quique Bonal (que já integrara as anteriores formações de Mingo), o baixista Fernando Torres concluído que foi o seu curso de solfejo e contrabaixo no Conservatório de Sevilha, e Juan de la Oliva, um licenciado *cum laude* em percussão pela Berklee College e detentor do

galardão da *Buddy Rich Jazz Masters Incentive*.

Além de numerosas atuações em Espanha, os Blues Intruders atuaram já na Alemanha, Luxemburgo, México e Bulgária tendo até à data gravado três CDs, que se acrescentam aos quatro registados pelas anteriores formações.

Além do seu trabalho conjunto, os membros do grupo têm atuado com nomes destacados da cena de *blues* internacional, em Espanha e não só (a Caledonia Blues Band foi mesmo o único grupo de *blues* espanhol a apresentar-se em Chicago), além de participações em gravações de outros intérpretes que procuram a reconhecida qualidade musical da banda.



Mingo Balaguer has been linked to the blues in Spain since 1983 when the Caledonia Blues Band was first formed. He sang and played harmonica with the group until it broke up in 1998. After a brief experience with The Blues Machine, Mingo formed his own quartet, Mingo & The Blues Intruders, in 2002. With numerous performances in Spain, the quartet have also played in Germany, Luxembourg, Mexico and Bulgaria and have so far recorded three CDs. Besides their work together, the group's members have all played with leading names from the international blues scene and recorded with other musicians.

O poder dos afetos



© Ana Pais

QUINTAS-FEIRAS
DE 5 A 26 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

5 de fevereiro

A performatividade dos afetos na vida e no teatro, Ana Pais

12 de fevereiro

Trabalho emocional e subalternidade, Sara Falcão Casaca (Sociologia do trabalho e género, professora no ISEG) e Inês Brasão (Sociologia histórica, professora no IPL)

19 de fevereiro

O poder dos afetos privados na construção da vida pública, Helena Marujo (Psicologia positiva, professora no ISCSP)

26 de fevereiro

Movimentos afetivos do pensamento, Paula Caspão (Filosofia e Artes Coreográficas, pós-doc no CET)

Curadoria Ana Pais

Quem nunca sentiu um aperto repentino no estômago, um arrepio a percorrer a coluna, a pele de galinha quando não está frio, a explosão ou a suavidade de uma palavra proferida ou a atmosfera pesada de uma sala? A sensação é concreta e materializa-se no corpo, permeável ao ambiente e aos outros.

Distintas de emoções e sentimentos, qualificáveis em categorias universais, estas impressões são subtis e voláteis. Diversos campos do saber têm vindo a explorar a especificidade destes afetos (do que nos afeta), tais como, a filosofia (Deleuze, Massumi), a psicologia (Tomkins), as neurociências (Damásio), os estudos culturais e feministas (Berlant, Ahmed, Sedgwick) bem como as práticas artísticas que configuram situações e experiências desafiadoras da relação tradicional com a obra num museu ou num teatro.

Embora dificilmente consigamos definir o que são os afetos, sabemos o que fazem: atravessam e medeiam a nossa experiência do mundo. Neste sentido, eles são performativos, isto é, a sua circulação social e cultural, apesar de invisível, tem uma influência inegável sobre a forma como nos relacionamos com os outros. Eis o poder dos afetos.

O ciclo *O poder dos afetos* propõe abordar alguns dos traços performativos dos afetos, mostrando como estes participam de áreas distintas da nossa vida, por exemplo, nas relações laborais, nos espaços sociais e culturais e nos modos de pensar e sentir.

Doutorada em Estudos de Teatro pela Universidade de Lisboa, Ana Pais é investigadora e dramaturgista. Foi crítica de teatro (*Público*, *Expresso*, *Sol*), docente (ESTC). É autora de *O Discurso da Cumplicidade. Dramaturgias Contemporâneas* (2004).

Who has never felt a sudden knot in their stomach, a shiver down their spine, goose bumps, or the oppressive atmosphere of a room? Such subtle and volatile sensations are concrete and are materialised in the body, permeable to the environment and to others. These hard-to-define affects have been explored by philosophy, psychology, neuroscience, cultural and gender studies, as well as art. We know what they do: they shape our experience of the world. This cycle looks at some of their performative aspects, showing how they affect distinct areas of our life and our ways of thinking and feeling.

No Church in the Wild: A Estética da Anarquia

com Jack Halberstam



Kerstin Drechsel, *Pussy Riot Gruppe* - Cortesia da artista e Galeria Vane

SEX 6 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Conferência falada em inglês, sem tradução

Esta conferência será transmitida no site www.culturgest.pt

Organização António Fernando Cascais e Mónica Guerreiro

Nos últimos três anos, com a emergência de novos movimentos de protesto no contexto da falência do sistema financeiro, da erosão do Estado-nação e da afirmação da soberania empresarial, assistimos a formas de protesto que fundem arte e criatividade para contornar as táticas policiais de controlo de multidões durante manifestações (como o *kettling*), e escapar às narrativas mediáticas que confinam a energia indómita do motim numa aseada história de saque e ganância. A busca de tais alternativas assume diferentes formas – de cultura de elite e de cultura popular, da cultura de museu à cultura de rua – como arte participativa, festas efémeras, reciclagem imaginativa, relações novas entre objetos, economias e o ambiente.

Na sua pintura das Pussy Riot, a artista berlinense Kerstin Drechsel capta o carácter *queer* deste nosso tempo de tumulto e revolta. O poderoso retrato da banda *punk* feminista (presa em 2012 pelo protesto na Catedral de Cristo Salvador em Moscovo, no qual se criticava o apoio da hierarquia da Igreja Ortodoxa à campanha presidencial de Putin) relembra-nos de quão frequentemente a anarquia assumiu a forma de uma rejeição *punk* feminina, mais do que a de um violento levantamento masculinista. O exemplo das Pussy Riot – o grupo, a pintura, a ação e as suas recriações em todo o mundo – aponta para o surgimento de formas estéticas nestas manifestações altamente mediatizadas de desgaste político e indignação. Poderemos identificar no seio da anarquia uma estética que rejeite a lógica do “capitalismo *punk*”? Qual a economia erótica de tal trabalho?

Jack Halberstam é Professor de Estudos Americanos e Etnicidade, Estudos de Género e Literatura Comparada na University of Southern California. Publicou *Gothic Horror and the Technology of Monsters* (1995); *Female Masculinity* (1998); *In A Queer Time and Place* (2005); *The Queer Art of Failure* (2011) e *Gaga Feminism: Sex, Gender, and the End of Normal* (2012). Uma das mais destacadas vozes da teoria *queer*, Halberstam prepara um novo livro, *The Wild*, sobre anarquia *queer*, *performance* e cultura de protesto.

As new protest politics have emerged in the last three years in the wake of financial disaster, the waning of the nation state and the rise of transnational corporate sovereignty, some protests have blended art and artfulness in an attempt to escape new police tactics like *kettling* and to evade media narratives that contain the unruly energy of the riot into a tidy story about looting and greed. In a painting of Pussy Riot, Berlin based artist Kerstin Drechsel captures the queerness of our moment of riot and revolt. Can we find an aesthetic that maps onto anarchy and stages a refusal of the logic of “punk capitalism”? What is the erotic economy of such work?

Toumani & Sidiki Diabaté



© Youri Lenquette

SEX 6 DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
20€ · Até aos 30 anos: 5€

M6

Kora Toumani Diabaté, Sidiki Diabaté

Numa rara colaboração entre pai e filho, Toumani Diabaté, génio da música africana (que esteve em maio de 2008 na Culturgest num concerto a solo extraordinário, como todos os que assistiram se lembram), e unanimemente reconhecido como o maior tocador vivo de *kora*, gravou um disco de duetos com o seu filho mais velho Sidiki, a estrela emergente do mesmo instrumento, digno sucessor de seu pai, como é uso dizer-se.

Descrito como “a mais bela colaboração de Toumani, desde o seu trabalho clássico com Ali Farka Touré” (*The Guardian*), *Toumani & Sidiki* é um diálogo conduzido através da *kora*, o instrumento da África Ocidental, de 21 cordas, que a dinastia Diabaté transformou no mais icónico dos instrumentos africanos. As ligações entre Toumani e Sidiki são particularmente profundas e evocativas. Descendentes de uma linhagem de 70 gerações de *griots* – guardiões das antigas tradições orais do povo Mandé, da África Ocidental, que têm setecentos anos de existência – pai e filho são nomes fundamentais nos anais da música africana. Já o pai de Toumani, com o mesmo nome do neto, Sidiki, gravara, em dueto, o primeiro disco de *kora* e era conhecido como o “Rei da *kora*”.

O álbum *Toumani & Sidiki*, que está na base do concerto desta noite, foi gravado quase sem ensaios prévios (alguns dos temas não foram sequer ensaiados), como um concerto ao vivo. A crítica de todo o mundo é unânime nos elogios entusiásticos ao disco.

Um grande concerto, inesquecível, nos espera.

In a rare father-and-son collaboration, the African musical genius and greatest living *kora* player, Toumani Diabaté, and his son Sidiki, the instrument’s emerging star, have recorded an album of duets together, *Toumani & Sidiki*, described by *The Guardian* as “the finest Toumani collaboration since his classic work with Ali Farka Touré”. This is a dialogue conducted through the *kora*, the 21-string West African harp which the Diabaté dynasty has elevated into the most iconic of African instruments. Unanimously acclaimed by critics, this album forms the basis for tonight’s unforgettable concert.

Eurovision + Israel + Tear Gas

Três espetáculos de Pedro Zegre Penim
para o Teatro Praga



© Tiago Bartolomeu Costa

SEX 13, SÁB 14, DOM 15
DE FEVEREIRO

Sex 13

Tear Gas (21h30)

Sáb 14

Eurovision (19h)

Israel (21h30)

Dom 15

Eurovision (17h)

Israel (19h)

Tear Gas (21h30)

Bilhete para um espetáculo:

12€ (até aos 30 anos: 5€)

**Bilhete para dois espetáculos
diferentes: 15€**

**Bilhete para os três
espetáculos: 18€**

M12

Na sexta-feira dia 13,
após o espetáculo, haverá
uma conversa com Pedro
Zegre Penim na Sala 1.

I'm a dog shit ashtray / I'm a shrugging moustache, wearing a Speedo tuxedo / I'm a movie with no plot, written in the backseat of a piss-powered taxi / I'm an imperial armpit, sweating Chianti / I'm a toilet with no seat, flushing tradition down / I'm socialist lingerie, I'm diplomatic techno / I'm gay pastry and racist cappuccino / I'm an army on holiday in a guillotine museum / I'm a painting made of hair on a nudist beach eating McDonald's / I'm a novel far too long / I'm a sentimental song / I'm a yellow tooth waltzing with wraparound shades on. / Who am I? / I am Europe.
Chilly Gonzales

Estes espetáculos não foram pensados como trilogia. Só quando já estava em ensaios do que viria a ser a terceira parte (*Tear Gas*, em estreia absoluta na Culturgest, depois das versões iniciais apresentadas em Paris no Festival 360° do Nouveau Théâtre de Montreuil e nos Chantiers d'Europe do Théâtre de la Ville) é que as três peças trocaram energia e momento.

Decidi chamar-lhe, de modo oficioso, *I AM EUROPE*, título de uma canção de Chilly Gonzales. Ela consegue aquilo que tento em cada um destes espetáculos, que acompanham dez anos da minha vida artística e pessoal: forjar e expor uma identidade a meio caminho entre a reflexão sobre uma herança cultural judaico-cristã (da qual, mesmo que queira, nunca me consigo desligar) e a minha biografia, material sempre presente no teatro que faço.

É também um processo recorrente no Teatro Praga (e o que vou apresentar na Culturgest não são espetáculos “tipo Praga”, como as salsichas “tipo Frankfurt”), as tensões entre o universal e o doméstico ou entre o mistério e a razão (George Steiner chama-lhe “a tensão entre gregos e judeus”). Mas nesta trilogia talvez esse jogo dúplice – a Europa e Eu – se materialize de forma mais visível por ser um trabalho eminentemente individual.

I AM EUROPE é um retrato a três velocidades de um mapa antropomórfico. Pedro Zegre Penim

These shows were not thought of as a trilogy. Only when rehearsals were already under way for the last piece, *Tear Gas*, did the three shows exchange energy and momentum. I decided to call them, unofficially, *I AM EUROPE*, the title of a song by Chilly Gonzales that achieves what I am attempting to produce in these performances: to build up and exhibit an identity that lies halfway between a Jewish-Christian cultural legacy and my own biography. This is a recurrent process in the work of Teatro Praga, the tensions between the universal and the domestic or between mystery and reason (George Steiner calls it “the tension between Greeks and Jews”). Europe and Me: *I AM EUROPE* is a portrait of an anthropomorphic map at three different speeds. (Pedro Zegre Penim)

O Teatro Praga é uma estrutura apoiada pelo Governo de Portugal, Secretário de Estado da Cultura, Direção-Geral das Artes.



Eurovision (2005)

Palco do Grande Auditório
Duração: 1h

Texto Pedro Zegre Penim
Interpretação e criação Pedro Zegre Penim e André e. Teodósio **Produção** Elisabete Fragoso **Versão inicial construída com a colaboração de** Rogério Nuno Costa e Martim Pedroso **Coprodução** Teatro Praga, ZDB, Transforma AC **Estreia** 22 de novembro de 2005, Transforma AC (Torres Vedras)

Um objeto tremendo como a Europa e pequeno como um guilty pleasure.

As fronteiras estão finalmente abertas, a partir d'O Velho Continente tenta-se a construção de uma narrativa, uma extravagância multilingue, um concurso longo, colorido e viado.

Eurovision já viajou por quase todo o país, para além de ter sido apresentado no Reino Unido, França, Eslovénia, Hungria e Eslováquia.
PZP

A Europa começa com o nascimento das suas línguas vulgares, e com a reação, amiúde alarmada, perante a irrupção

dessas línguas começa a cultura crítica da Europa. (...) Sofrendo os efeitos da fragmentação, a Europa tenta dar-lhes remédio: olha para trás, (...) olha para diante, visando construir uma língua da razão que tivesse a perfeição da língua de Adão.
Umberto Eco

Para escrever um livro, precisamos de uma língua. Não tenho língua. A necessidade de abrir uma imagem a uma língua. Saliva que prepara o orgânico para o linguístico. Saliva que dissolve os traços da solidão...
Yael Davids e Snejanka Mihaylova

Politicamente só há europas. O lugar do poder nunca está vazio. Ora a Europa, politicamente falando, é esse lugar sem poder dentro, um lugar vazio. Na Europa, o poder só existe como junção variada dos poderes autênticos detidos pelas nações (...). Não foram muitas: a Espanha até ao séc. XVI, a França, a Inglaterra, a Áustria, a Rússia, a Prússia e a Alemanha sua continuadora, em seguida. Neste momento nenhuma nação é Europa.
Eduardo Lourenço

An object as tremendous as Europe and as small as a guilty pleasure. The borders are finally open: starting from the Old Continent, an attempt is made to construct a narrative, a multilingual extravagance, a long, colourful and rigged competition. (PZP)

Israel (2011)

Palco do Grande Auditório
Duração: 1h20

Texto Pedro Zegre Penim
Criação e interpretação Pedro Zegre Penim e Catarina Campino **Luz** Daniel Worm d'Assumpção **Produção** Cristina Correia, Elisabete Fragoso **Coprodução** Teatro Praga, Teatro Maria Matos **Estreia** 22 de setembro de 2011, Teatro Maria Matos

O amor é, sempre, uma página escrita em hebraico.
Provérbio Popular Português

Não é preciso muito para que o debate sobre Israel se torne pessoal. Sobretudo por causa da paixão que desperta, e este debate não tem interesse nenhum se não for apaixonado. Por isso decidi escrever uma carta de amor a Israel ou, melhor dizendo, um espetáculo de amor. Uma declaração de amor a um suposto monstro.

Voltaire escreveu que é preciso escolher entre países onde se sua e países onde se pensa. Em Israel (o país e o espetáculo) faz-se as duas coisas. O contexto reclama uma vigília constante, um pensamento não-binário, cabeça & músculo.

© Alípio Padilha



Aqui cada história individual deve ser lida como a história de Israel, e a história de Israel como a história de uma só pessoa.

O ator está sentado em frente ao seu computador, o seu rosto projetado numa tela. É difícil dizer para quem e por quem ele fala: com o público, com ele mesmo, com o objeto do seu amor? Israel, aqui uma nação em forma de ficção, toma um rosto humano, como alguém com quem é preciso viver.

A peça, apresentada em Lisboa, Paris e Telavive, recebeu da Sociedade Portuguesa de Autores em 2011 o prémio de melhor texto representado. PZP

This is a love letter to Israel: a declaration of love to a supposed monster. Voltaire wrote that one has to choose between countries where you sweat and countries where you think. In Israel (the country and the show) you do both. The actor is seated in front of his computer, his face projected onto a screen. It is difficult to tell who he is talking to and speaking for: the audience, himself, the object of his love? Israel, here a nation in the form of fiction, takes on a human face, like someone one has to live with. (PZP)

Tear Gas (2015)

Grande Auditório
Duração a anunciar

Texto, criação e interpretação Pedro Zegre Penim
Com a colaboração de André

Godinho, Cláudia Jardim, Daniel Worm d'Assumpção, Elisabete Fragoso, João Duarte Costa e João Paulo Soares **Coprodução** Culturgest, Teatro Praga **Apoio** Théâtre de la Ville, Festival 360° / Nouveau Théâtre de Montreuil e Centro Cultural do Cartaxo

My my! At Waterloo Napoleon did surrender. / Oh yeah! And I have met my destiny in quite a similar way.
Abba

© Pedro Zegre Penim



Em *A Ideia da Europa* George Steiner reclama que é na síntese de duas culturas, a de Atenas e a de Jerusalém, que se encontra a singularidade da cultura europeia. "Muito frequentemente, o humanismo europeu, de Erasmo a Hegel, procura diversas formas de compromisso entre ideais áticos e hebraicos." E conclui dizendo que "A 'ideia de Europa' é (...) um 'conto de duas cidades'."

Este conto, que pretende cunhar uma história (e uma pré-história) da Europa e que tal como em Dickens relata o "melhor dos tempos" e o "pior dos tempos", faz por confluír num só tronco (ou num só

europeu?) os imperativos absolutos da razão científico-filosófica tal como estabelecida na nossa herança grega e os imperativos da fé e da revelação proclamados na Torah.

Depois de *Eurovision* e *Israel*, e tomando a ideia de Steiner como esquema, esta trilogia completa-se na Grécia, para onde comecei a viajar frequentemente em 2011, no pico dos conflitos provocados pela crise económica e social ainda em curso na Europa.

Nunca lá fui fazer Turismo Negro (uma modalidade que satisfaz viajantes interessados em lugares sombrios e aterrorizantes, como cenários de guerra ou holocaustos), nem sequer vampirismo artístico com vista a um teatro político-social.

Viajei com frequência para Atenas para encontros voluntários com o gás lacrimogéneo. PZP

For George Steiner, the "idea of Europe" is a "tale of two cities": Athens and Jerusalem. Through the "best of times" and the "worst of times", the imperatives of reason from our Greek heritage and the imperatives of faith and revelation proclaimed in the Torah flow together into one central trunk (a single European?). This trilogy is completed in Greece, a place I began to visit at the height of the conflicts caused by the economic and social crisis. I haven't been there to engage in Dark Tourism, nor am I trying to create social-political theatre. I've been to Athens for voluntary encounters with tear gas. (PZP)

Yuri Daniel Quartet

Ritual Dance



QUI 19 DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h30
12€ · Desempregados e jovens
até aos 30 anos: 5€ (não há
outros descontos)

M6

Baixo e direção artística Yuri Daniel **Piano** Filipe Raposo
Bateria Vicky Marques **Trompete** Johannes Krieger

Yuri Daniel é um dos mais reconhecidos contrabaixistas da nova geração do jazz, integrando várias bandas de prestígio, de entre as quais se destaca a de Jan Garbarek (Jan Garbarek Group), uma das maiores referências do saxofone mundial. *Ritual Dance* é o título do mais recente CD do Yuri Daniel Quartet, integrando composições originais de Yuri Daniel, Filipe Raposo e Johannes Krieger. Fortemente inspirado no livro *Império à Deriva – A Corte Portuguesa no Rio de Janeiro 1808-1821* de Patrick Wilcken, este novo trabalho discográfico percorre, de forma calma e serena mas simultaneamente inquieta e irrequieta, os deslumbrantes e luxuriantes caminhos da profusão rítmica brasileira e dos vestígios da herança lusitana na miscigenação cultural em “Terras de Vera Cruz”. Em 1807, sob a ameaça das invasões napoleónicas, o príncipe regente D. João Maria de Bragança (futuro Rei D. João VI) vê-se obrigado a aceitar partir para o Brasil com a Família Real e a Corte, numa arriscada viagem transatlântica, sob a escolta dos britânicos, fazendo com que o Governo Português passasse a operar a partir daquela que era, então, a maior colónia portuguesa, que deixa de o ser para assumir o inusitado papel de “nova metrópole”. Este foi um período em que o Brasil e particularmente o Rio de Janeiro foram palco de uma grande evolução cultural, passando a ser o epicentro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Os títulos das faixas de *Ritual Dance* ilustram, de forma crua e explícita, todo este ambiente de efervescência cultural: *Maracatu* (música folclórica pernambucana afro-brasileira), *Ebony Wood* (madeira africana que é utilizada, entre outros, para as teclas do piano), *7 de setembro* (data da independência do Brasil), entre outras.

Yuri Daniel is one of the most highly regarded bassists of the new jazz generation. His quartet's latest CD, *Ritual Dance*, inspired by Patrick Wilcken's book *Empire Adrift: The Portuguese Court in Rio de Janeiro, 1808-1821*, explores the miscegenation of Brazilian rhythms with the country's remaining Portuguese heritage. The titles of the album's various tracks explicitly illustrate this atmosphere of cultural effervescence: *Maracatu* (Afro-Brazilian folk music from Pernambuco), *Ebony Wood* (from Africa, used to make piano keys) and *7 de setembro* (the date of Brazilian independence) among others.

Festival RESCALDO



© Travassos

DE SEX 20 A SÁB 28
DE FEVEREIRO

21h30
6€ (preço único)

M6

O festival decorre
de 20 a 28 de fevereiro
na Culturgest e na
Galeria Zé dos Bois.

Toda a informação em
www.festival-rescaldo.info

Produção Culturgest/Trem Azul **Comissário** Travassos
Textos Rui Dâmaso **Ilustração** Travassos **Parceiros de
comunicação** Wake Up

A 8.ª edição do RESCALDO reforça a sua vocação de dar forma e sentido às mais inovadoras e interessantes movimentações da música nacional, levando à Culturgest e à Galeria Zé dos Bois projetos de proveniências geográficas e estéticas múltiplas, celebrando identidades criativas sempre plurais e assinalando cunhos autorais cada vez mais vinculados.

As propostas apresentadas marcam o fortalecimento da presença da região norte do país, com a Nova Orquestra Futurista do Porto a revisitar as já centenárias mas ainda desarmantes proposições do futurista Luigi Russolo, as margens do rock representadas via Santo Tirso e Barcelos (pelo *power*-trio Gesso e pelos incomparáveis La La La Ressonance, respetivamente), com especial destaque ainda para a efervescente cidade de Braga, com a presença dos projetos Estilhaços, do expoente máximo bracarense Adolfo Luxúria Canibal e do duo Quest, do cada vez mais omnipresente artista e curador Luís Fernandes e da pianista Joana Gama.

A presença de um número recorde de artistas no feminino é também um dos traços desta edição do festival, que convida Lula Pena, a diva do indizível, a apresentar um espetáculo radicalmente diferente das suas desarmantes canções feitas de voz e guitarra, e mergulha num arquivo de fontes sonoras que tem vindo a construir, ao longo dos anos, como matéria-prima para colagens de formas abertas e livres.

Por ser parte integrante da linha de programação do RESCALDO não apenas o encontro de estéticas como também de gerações e de progressões colaborativas, destacamos ainda a apresentação da mais recente formação dos seminais Caveira, de volta ao formato trio e com trilhos apontados a uma cada vez mais ampla e inclassificável dinâmica criativa, e do projeto solo do também lisboeta Guilherme Gonçalves, Coclea, que acompanhado por algumas das mais cintilantes figuras da capital assinala mais um lançamento na Shhpuma, editora que prossegue a sua ligação íntima ao festival e continua a dispensar a máxima atenção aos novos talentos da cada vez mais saudavelmente exploratória movida musical do país.

RESCALDO Festival will showcase Portugal's most innovative and avant-garde music, bringing to Culturgest and Galeria Zé dos Bois projects from all manner of geographical and aesthetic origins. This year, there will be a strong representation from the north of the country and a record number of female artists, with Lula Pena giving a radically different performance from her normal set of guitar and vocals to offer a collage of free and open sounds. The seminal Caveira group return to their trio format and Guilherme Gonçalves presents his new solo project Coclea.

Sexta, 20 de fevereiro
Pequeno Auditório
Duração: 1h45 com intervalo

© Nuno Martins



Vicente & Marjamaki

Trompete, fliscorne
Luís Vicente
Elétronicas Jari Marjamaki

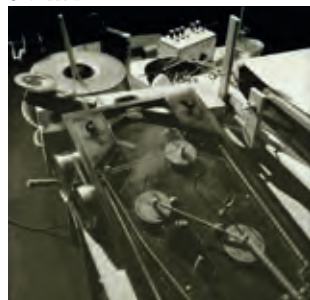
Alternate Translations, álbum lançado online em 2013 pela *netlabel* nacional Mimi Records, é, seguramente, dos mais bem guardados segredos da produção nacional dos últimos anos. Unindo a trompete de Luís Vicente, músico que tem vindo, paulatinamente, a mostrar um timbre distintivo por entre a extrema versatilidade dos seus múltiplos projetos (a improvisação conduzida dos Open Mind Ensemble, o *free jazz* do quarteto Clocks & Clouds, a livre improvisação não-idiomática do quinteto Fail Better! ou a abordagem mediterrânica do trio que lidera), aos dispositivos eletrónicos de Jari Marjamaki, músico e DJ finlandês com residência de há largos anos em Lisboa, *Alternate Translations*, composto inteiramente por gravações de concertos deste duo, é um objeto de quase-perfeição rarefeita, preenhe de uma noção de espaço e movimento

notáveis, inspirador de uma dança quieta e fortemente melancólica.

A paleta sonora e construção rítmicas de Marjamaki revelam um labor e um cuidado que, curiosamente, tanto evoca as explorações orientadas para o cosmos de Jeff Mills como traz de volta à terra a luminosidade esconso do notável trabalho do norte-americano Mark Nelson (quer nos Labradford quer nos sucessores Pan-American), enquanto o sopro de Luís Vicente empresta a esta música uma dimensão profundamente humana, lírica, que a espaços evoca vozes lendárias como as de Jon Hassell, Bill Dixon ou mesmo Don Cherry. Trata-se, reforçamos, de alguma da mais bela e inclassificável música da atualidade.

www.facebook.com/vicentemarjamaki

© P. Tudela



Nova Orquestra Futurista do Porto

Televisor, consola de jogos atari, circuit bending, laptops acústicos, motores de aquário, hidrofones, motores elétricos, sensores, cones de papel e objetos diversos Angelica Salvi, Maria Mónica, Sara Gomes, Henrique Fernandes,

Gustavo Costa, João Ricardo, Filipe Silva, Miguel Pipa, Luís Bittencourt, Rodrigo Cardoso, Alberto Lopes

Numa altura em que a importância e o carácter visionário da obra de Luigi Russolo parecem vir a ser devidamente recuperadas e celebradas, a Nova Orquestra Futurista do Porto, projeto do Srosh Ensemble, constitui uma valiosa contribuição para o entendimento das deslumbrantes potencialidades abertas pelo “Intonarumori”, instrumento emblemático (entre muitos outros) do trabalho do futurista italiano tido por muitos como o precursor do que viria a chamar-se *noise music*.

Agregando um grupo absolutamente notável de alguns dos mais interessantes exploradores sonoros e improvisadores da segunda cidade do país (como Gustavo Costa, Angelica Salvi ou Filipe Silva, entre outros), a NOFP coloca a uso uma série de instrumentos não convencionais, como motores, consolas de jogos, televisores, rádios ou *laptops* acústicos, procurando uma releitura atual da “Art of Noises” preconizada por Russolo num manifesto já centenário. O objeto estético que resulta deste trabalho, sendo marcado necessariamente por uma componente de imprevisibilidade e aleatoriedade, coordenadas fundamentais da visão que se preconiza e aqui se adapta, ressoa de uma forma admiravelmente orgânica, natural, numa paisagem sonora inescapavelmente humana, mesmo que tradu-

zindo a aspiração contraditória de um domínio absoluto e de uma ultrapassagem da natureza por via da tecnologia. freemusicarchive.org/music/NOFP_Nova_Orquestra_Futurista_do_Porto

Sábado, 21 de fevereiro
Pequeno Auditório
Duração: 1h45 com intervalo



Coclea

Trompete, eletrónicas
Yaw Tembé **Teclas** Shella
Monophonic Bass synth, voz, eletrónicas Alex Klimovitsky
Guitarra elétrica, eletrónicas
Guilherme Gonçalves

Primeiro encontro ao vivo de quatro músicos de rara sensibilidade, todos figuras marcantes dos mais recentes rumos da comunidade criativa de Lisboa, numa reunião que assinala o lançamento, pela Shhpuma, do novo trabalho, homónimo, de Coclea.

Guilherme Gonçalves integrou, até há poucos meses, os excelentes Gala Drop, figuras maiores saídas da convulsão criativa da primeira década do século no país, e tem vindo, paralelamente, a dar vida a Coclea, pseudónimo que utiliza

para descorporizar a guitarra rumo a explorações que, entre o *drone* e o processamento tecnológico, trilham caminhos celestiais no que têm de apontado à reverência pelo espaço – o sideral, o incorpóreo, o entre-as-notas.

No decurso do álbum prefigurado neste espetáculo, sente-se certa herança, em algumas das melodias de guitarra, dos blues africanizados de pulsar plácido e contemplativo reminiscentes do seu trabalho em Gala Drop, e sobretudo uma transpiração serena de referências marcantes como as dos lendários Manuel Gottsching ou Edgar Froese, no que às possibilidades estáticas e de instauração cénica do processamento da guitarra, à repetição e à poesia diz respeito.

Em palco, com Guilherme Gonçalves, e em serena caminhada de observação estelar, teremos Yaw Tembé, escultor, poeta, e artista de rua originário da Suazilândia, multi-instrumentista mas principalmente trompetista, e dos mais ativos improvisadores do momento; João “Shella”, membro dos marcantes Paus, nas teclas; e o norte-americano Alex Klimovitsky, dímamo do duo Youthless, na voz, sintetizadores e eletrónicas várias. www.facebook.com/cocleapeace

Lula Pena

Guitarra, voz Lula Pena

Das suas composições já a própria Lula Pena disse serem colagens de memórias, quer

individuais quer coletivas. Se esse carácter pode ser identificado nos temas em que mais facilmente reconhecemos esta autora absolutamente única, fado transviado em declinações incertas e em solenidade de verdadeira realeza, de espírito único num caminho desconhecido de todos e da própria, mais ainda o podemos entender no espetáculo raro que apresentamos no festival.

Em resposta ao convite do RESCALDO, Lula Pena apresentará uma proposta diferente do seu concerto habitual com repertório de canção; se a matéria-prima a utilizar, informe, é *a priori* incharacterizável e intransmissível, o percurso auditivo que testemunharemos será construído a partir de colagens de múltiplas fontes sonoras, dando vida a um arquivo que a inclassificável autora tem vindo a construir, num trabalho raramente tornado público e que na última dessas especiais ocasiões, no Museu Nacional Soares dos Reis, se centrou à volta da sonorização do documentário *À propos de Nice*, do fundacional realizador Jean Vigo.

Sempre uma surpresa, um ritual de descoberta, uma iniciação, uma ocasião única,

© Cláudia Varejão



oportunidade de testemunhar o desenrolar de um mistério. Assim é Lula Pena. lulapena.bandcamp.com vimeo.com/lulapena

Quinta, 26 de fevereiro
Galeria Zé dos Bois
Duração: 1h45 com intervalo



Gesso

Percussão Ruben Sequeira
Viola baixo Flávio SA
Viola Joel Figueiredo

Filiados numa já quase instituída tradição de rudeza psicadélica de volume incontornável que vem grassando há vários anos no norte do país, e já habitualmente representada no RESCALDO, os Gesso, *power-trio* de Santo Tirso, vêm a Lisboa trazendo na manga um álbum de estreia, *Howling Grace*, que se constitui como um compêndio de desregramento rock tal como visto desde o início do milénio.

Os Gesso assumem, sem grandes rodeios, uma multiplicidade de heranças que, muito

para além da mais esperada atenção aos fundadores anos setenta do passado século, visita um certo percurso subterrâneo mas contínuo do psicadelismo de ambos os lados do Atlântico, que simultaneamente nos remete para as ambições xamanistas de uns Doors e para o libertinismo multifacetado de uns Hawkwind primordiais, num manto de *fuzz* que observa de perto a cartilha contemporânea de uns desregrados Comets on Fire ou de uns mais arrumados Dead Meadow.

Caso particular de um *power-trio* que extravasa, em muito, a receita mais direta que habitualmente associamos a esse formato, quer em termos de dinâmica quer de paleta sonora, teremos oportunidade para neste concerto conferir uma das maiores promessas nos quadrantes nacionais que, de uma forma ou outra, se movem nos elásticos limites do rock.

www.facebook.com/gessoficial

Caveira

Guitarra Pedro Gomes
Guitarra André Abel
Bateria Gabriel Ferrandini

Surgiram com estertor, em 2005, em plena revitalização da criatividade de uma Lisboa que, desde então, não tem parado de dar frutos no cruzamento das energias do jazz, do rock e do *noise*. Concertos e discos míticos de transe e apoteose continuada, ou, como dito na altura, final perpétuo de um concerto rock, fizeram dos Caveira nome para

recordar e acompanhar sempre que intensidade e guitarras se juntam numa mesma conversa.

Após uma redução do trio original para uma breve existência enquanto duo, com Pedro Gomes na guitarra e Joaquim Albergaria na bateria, indiciando uma mudança de rumo e uma tendência para aprofundar a inclassificabilidade desta música, foi preciso esperar até 2013 para um ressurgimento que tem vindo a provar, em aparições muito pontuais, que o mistério da construção, o tumulto da sobreposição e um refinar do diálogo entre músicos continuarão a levar o Caveira por trilhos e texturas únicas.

Ao lado do original Pedro Gomes, a instrumentação original da banda é repostada pela guitarra de André Abel (Tropa Macaca) e pela bateria do omnipresente e multifacetado Gabriel Ferrandini, num trio que cruza a improvisação e o jazz mais livre com os assaltos atonais e informes responsáveis por algum do mais vital barulho nipónico do final do século XX (Fushitsusha, Anatarash ou Ruins são referências incontornáveis). Um regresso a não perder.

© Vera Marmelo



Sexta, 27 de fevereiro
Pequeno Auditório
Duração: 1h45 com intervalo



Con Con + Joana Guerra

Sintetizadores Jorge Nunes
Violoncelo Joana Guerra
Imagem Mariana Marques

O projeto Con Con é, por entre uma vasta e por vezes incipiente “moda” de complementar com imagem músicas que têm, elas próprias, um forte carácter imagético, um dos raros *ensembles* a utilizar, em igual destaque, ambas as linguagens.

Os Con Con, nome utilizado para designar “peixe voador” em São Tomé e Príncipe, país no qual o projeto surge no contexto de uma residência artística, são a interação entre o som gerado por uma parafernália de sintetizadores e outros objetos analógicos, da responsabilidade de Jorge Nunes, e a manipulação constante de pigmentos, objetos, e das próprias ondas sonoras em projeções da artista plástica Mariana Marques.

No RESCALDO promovemos uma colaboração recente, com a violoncelista e cantautora Joana Guerra, artista que,

apesar da formação clássica, tem vindo a trilhar caminhos que a levam, a solo, a registos que unem sensibilidades *folk* e pop com características experimentais, e, em múltiplas colaborações com várias figuras da música improvisada sobretudo, mas não exclusivamente, lisboeta, a várias formas de criação não-idiomática e de difícil catalogação. A colaboração com os Con Con insere-se nesta última linhagem, num caminho de abstração coletiva, sinestética, que assinala também a presença no festival de três figuras associadas a um dos mais dinâmicos e dinamizadores coletivos lisboetas, a Associação Terapêutica do Ruído.

concon-isto.tumblr.com
joanaguerra.bandcamp.com



La La La Ressonance

Baixo elétrico, percussão André Simão **Guitarra elétrica, guitarra acústica, teclas** Gil Teixeira **Bateria** Jorge Aristides **Guitarra elétrica** Ricardo Cibrão **Saxofone alto e soprano, teclas** Paulo Araújo **Eletrónica e teclas** Luís Fernandes

Surgidos das cinzas dos The Astonishing Urbana Fall, uma

das mais marcantes e celebradas formações de verdadeira vanguarda da década de 90, os La La La Ressonance retomaram, em 2005, e com a sua formação inalterada, um trabalho que se revelara demasiado valioso para não ter continuidade.

Palisade, lançado em 2006 pela saudosa editora Borland, deu o mote para a continuidade de uma liberdade formal e um desprendimento de géneros que com facilidade cruzou referências jazzísticas, eletrónicas e do chamado pós-rock num todo instrumental de rara coerência, pertinência e visão traduzidas em arranjos e interpretações sem mácula.

Desde então, os La La La Ressonance têm vindo a aprofundar quer a intensa relação da sua música com as imagens em movimento, construindo espetáculos e discos para obras cinematográficas de Len Lye, Osamu Tesuka, Georges Méliés e FM Murnau (cujo *Faust* inspira o seu 3.º álbum, de 2012), quer a sua propensão para colaborações relativamente improváveis, como no caso do ensemble de saxofones Quad Quartet, no seu 2.º disco, ou, mais recentemente, com os conterrâneos Black Bombaim no álbum sem título lançado já em 2014 pela PAD. Este último caso serve ainda de mais uma prova, se tal fosse necessário, da excelência e diversidade da música atualmente feita em Barcelos, cada vez mais polo criativo incontornável da contemporaneidade nacional.

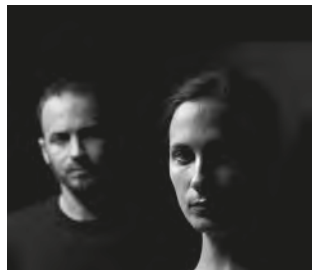
www.lalalaressonance.com
www.facebook.com/lalalaressonance

Sábado, 28 de fevereiro

Pequeno Auditório

Duração: 2h

© Eduardo Brito



Joana Gama + Luís Fernandes

Piano Joana Gama
Elétrónicas Luís Fernandes

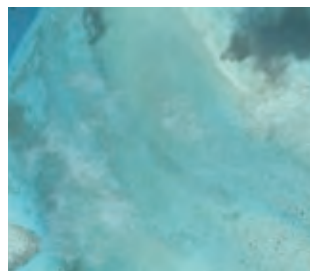
Quest, álbum deste duo bracaraense lançado recentemente pela Shhpuma, constitui sem sombra de dúvida dos mais fascinantes, intrigantes e belos pedaços de música do ano que passou, fruto de uma colaboração com génese em “100 Cage”, conjunto de trabalhos de vários autores apresentados em 2012 pelo Teatro Maria Matos, no assinalar do centésimo aniversário de John Cage, que serviu para um curioso primeiro encontro entre dois músicos que, partilhando a mesma cidade, se desconheciam.

Joana Gama, pianista e investigadora de formação clássica, e Luís Fernandes, músico integrante de formações como os Peixe:Avião e nome por trás do projeto The Astroboy, exploram, em *Quest*, possibilidades cuja abertura pode remontar, precisamente, à relação de Cage com o piano enquanto motor de matiz clássica aberto a intervenções, modificações, processamentos

e interrogações de carácter e de identidade; unindo a erudição da linguagem contemporânea da pianista com a predileção por dispositivos eletrónicos analógicos do multifacetado músico, o duo concretiza movimentos prenhes de texturas, de diálogos subentendidos, percursos nos quais o piano é simultaneamente condutor e passageiro, numa música onírica, como que fazendo uso da mais rica paleta de cinzentos que se possa imaginar, e que lembra, curiosamente, o trabalho conjunto de duas outras luminárias incontornáveis do ambientalismo, Harold Budd e Brian Eno.

www.joanagama.com
www.luiscfernandes.com

Cafeteria da Culturgest



Sumbu Dunia

Samples Rui Nogueiro

Para além de baixista dos excelentes e intensos Sunflare, Rui Nogueiro é, acima de tudo, um melómano puro, constantemente mergulhando numa procura intensa de “tesouros” discográficos, edições esquecidas e sonoridades de alteridade pura.

Depois de anos promissores trabalhando sob o alias Lace Bows, fazendo do baixo elétrico e dos seus múltiplos processamentos um veículo de grande riqueza cromática, de ambientalismo transverso movido a desejos de ascensão beatífica, dá, a partir de 2014, primazia a um novo rumo de trabalho enquanto SUMBU DUNIA, nome de origem não especificada mas cujas ressonâncias “étnicas” traem e explanam com clareza um propósito de genética global, materializando essas suas procuras e inquirições pelos mundos dos discos perdidos numa fusão de Oriente e Ocidente, de eletrónica e de acústica, numa colagem sonora de tantos e tão diversos focos culturais que tem, obviamente, uma faceta antropológica, ainda que poetizada e eminentemente estética, como farol.

O concerto que apresentaremos assentará numa inédita base sonora vinda da utilização de samples Jaipongan (um subgénero de dança popular Indonésia com ligações à música para Gamelão), uma escolha natural para um projeto de natureza profundamente pessoal que ressoa pela paradoxal universalidade da matéria-prima e respeito pela memória primordial do som enquanto organização humana. sumbudunia.bandcamp.com/album/unmankind

Pequeno Auditório

Estilhaços

Voz Adolfo Luxúria Canibal
Piano e programação António Rafael
Contrabaixo Henrique Fernandes
Guitarra Jorge Coelho

Estilhaços Cinemáticos é o mais recente trabalho de um projeto que junta às palavras ditas de Adolfo Luxúria Canibal o piano e programações de António Rafael, o contrabaixo de Henrique Fernandes e a guitarra de Jorge Coelho.

Uma década após a primeira aparição pública, à altura em formato duo e como veículo para a leitura musicada de textos e poemas do carismático líder dos Mão Morta, o coletivo Estilhaços chega ao RESCALDO após uma evolução assinalável que, desde a entrada de Henrique Fernandes e Jorge Coelho os levou a criar um percurso que visitou também reportório de Mário Cesariny.

Mais recentemente, e respondendo a um convite da associação Ao Norte, o coletivo empreendeu um caminho criativo complexo, circular e disruptivo: a partir das ilustrações dos oito livros da coleção *Os Filmes da Minha Vida*, matéria-prima

© Henrique Regalo

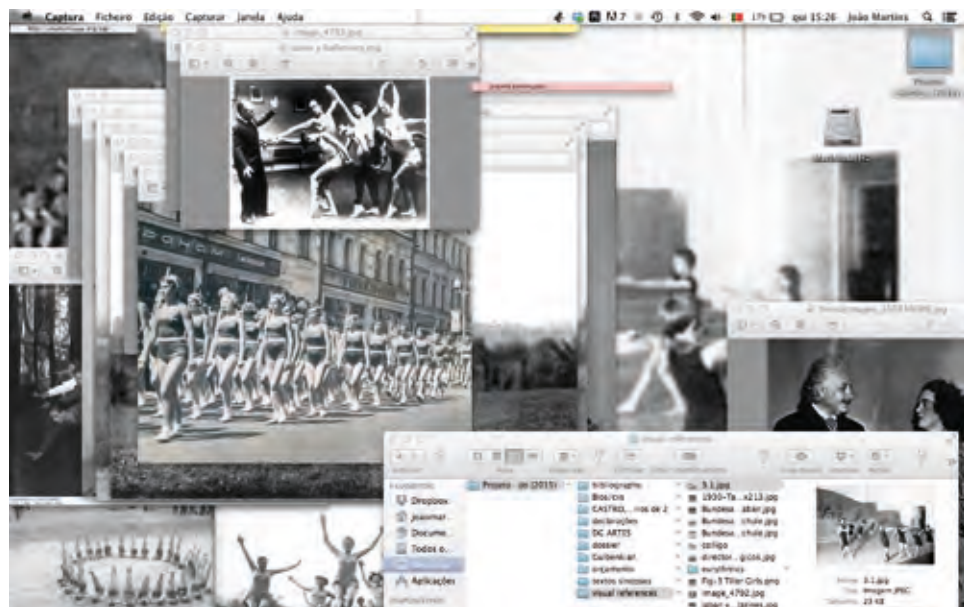


de tal diversidade que abarca desde *Fitzcarraldo* de Werner Herzog, a *Vertigo* de Alfred Hitchcock ou a *Dead Man* de Jim Jarmusch, Adolfo Luxúria Canibal escreveu novos textos, partindo irremediavelmente em novas direções que obliteraram a fundação temática dos filmes na origem dos livros, e entregando aos três músicos a responsabilidade de, a partir destes, criar novas composições. Dos alicerces cinemáticos na origem destes estilhaços o coletivo constrói edifícios inéditos, flutuantes e livres, palavra e som numa relação íntima e corporizante.

www.facebook.com/estilhacosoficial

projeto continuado (2015)

de João dos Santos Martins



SEX 27, SÁB 28
DE FEVEREIRO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Dur. prevista: 1h30
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na sexta 27 de fevereiro,
após o espetáculo, haverá
uma conversa com os artistas
na Sala 1.

Com Ana Rita Teodoro, Clarissa Sacchelli, Daniel Pizamiglio, Filipe Pereira, João dos Santos Martins, Sabine Macher
Composição para piano e performance ao vivo Simão Costa
Desenho de luz em colaboração com Ricardo Campos
Produção Associação Parasita Coprodução Culturgest, Centro Cultural Vila Flor, CCN de Montpellier Languedoc-Roussillon no contexto do projeto Life Long Burning subsidiado pelo programa Cultura da União Europeia Residências artísticas CCN de Montpellier Languedoc-Roussillon, Centro de Criação de Candoso, EIRA, Musibéria, O Espaço do Tempo Apoios Câmara Municipal de Santarém / Teatro Sá da Bandeira, Santarém

Em 2011 tive a oportunidade de participar, em contexto pedagógico, na reinterpretação da peça *Continuous Project – Altered Daily* (1970) de Yvonne Rainer, a partir de arquivos disponíveis e testemunhos de artistas. Nesse momento, surgiram tensões de trabalho que viriam a materializar-se na peça em si: um processo de trabalho transformado em experiência estética que reivindicava o labor coreográfico enquanto produto artístico. Estava literalmente em causa a forma como um grupo de indivíduos interagia e negociava um conjunto de ações entre si, num processo que tanto era naturalizado quanto induzido coreograficamente. Neste projeto, continuado, damos seguimento a esta “ideia” de coreografia enquanto tecnologia que verifica, ativa e transforma relações entre indivíduos. Recorrendo a objetos da história da dança, aos seus contextos e ideologias, e à sua relação com música, procurámos rever e operar sobre a forma como a coreografia e a dança estabelecem padrões ideológicos que fixam ou colocam em questão os regimes éticos e estéticos dominantes.

João dos Santos Martins

João dos Santos Martins trabalha como coreógrafo e intérprete desde 2008. Criou *Le Sacre du Printemps* (2013) com Min Kyoung Lee e *Masterpiece* (2014). Colaborou em *Tropa Fandanga* (2014) do Teatro Praga e *Retrospectiva* por Xavier Le Roy. É intérprete em *Monument O (Hunted by wars 1913-2013)* de Eszter Salamon.

In 2011, João Martins played a role in the reinterpretation of Yvonne Rainer’s 1970 work *Continuous Project – Altered Daily*. Tensions arose that were later materialised in the performance itself: an aesthetic experience that viewed the choreographic labor as an artistic product. In this continued project, the artist sought to pursue the idea of choreography as a technology that actively transforms interpersonal relations. Here he seeks to take a fresh look at the way in which choreography and dance can establish ideological patterns that question the dominant ethical and aesthetic paradigms.

Lança o teu pão sobre as águas (sobre o Qohélet / Ecclesiastes)

com Maria Filomena Molder



Jorge Molder. Fotografia da série *The Secret Agent*, 1991

TERÇAS-FEIRAS
DE 3 A 31 DE MARÇO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

3 de março
Questões de filologia

17 de março
Redução do princípio do terceiro excluído

24 de março
Contra a idolatria do cérebro, a atenção ao ventre

31 de março
Teologia mínima: o conceito de limite

Lança o teu pão sobre as águas é o primeiro versículo do capítulo 11 de *Qohélet* e introduz-nos imediatamente na atmosfera enigmática e não sentencial deste livro do *Antigo Testamento*. A tradução em português é minha, feita a partir da tradução italiana do “poema do Velho”, assim o qualifica Guido Ceronetti, que desde 1955 o leu e tentou traduzir. A sua primeira tradução publicada data de 1970, seguiram-se as de 1984, 1987, 1991. Em 2001 publica a última versão, embora não definitiva, como se irá perceber e porquê.

Qohélet não é o nome de ninguém. Na *Vulgata* passou a *Ecclesiastes*, aquele que reúne, congrega, chama à reunião. Que tem ele para nos dizer? Coisas amargas, que despertam a repulsa, coisas inesperadas e surpreendentes, coisas que se contradizem e não podem deixar de se contradizer. Nenhuma delas nos deixa indiferentes. Trata-se de um conjunto de axiomas e não de provérbios. Não foi escrito para ser comentado por filósofos ou teólogos, mas para ser decifrado. Os axiomas ficam abandonados a eles mesmos, não fazem parte de uma cadeia dedutiva. Ter chegado a eles é sabedoria, e isso implica ter visto “estas coisas” repetidamente. Por isso as repetições não são problemas de estilo.

Qohélet não consola, dele não se pode tirar uma moral repousante que atribua sentido à vida, o que não deve ser confundido com Deus, porque Deus é uma evidência, o sentido da vida não. Como não sei hebreu, e os meus conhecimentos de grego são rudimentares, só posso comparar as traduções de Ceronetti com as de outras línguas europeias, em particular, inglês, francês, alemão. Ele próprio fornece essa possibilidade.

Por consequência, tenho em vista não só comunicar aquilo que vi nas palavras traduzidas de *Qohélet*, nas quais sopra o vento famélico, como promover a iniciação ao singular pensamento de Guido Ceronetti. Maria Filomena Molder

Maria Filomena Molder é professora catedrática aposentada, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista. Benjamin, Leitor de Baudelaire*, Relógio d'Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d'Água, 2014.

Cast thy bread upon the waters – Chapter 11, Verse 1 of *Qohélet* – leads us into the enigmatic atmosphere of this Old Testament book. *Qohélet* is no-one's name. In the *Vulgate*, the book became known as *Ecclesiastes*, meaning the one that brings together or congregates. What does it tell us? Bitter, unexpected and contradictory things. It is a set of axioms, and not proverbs, a code to be deciphered. I shall be comparing Guido Ceronetti's Italian translations with those from other European languages, explaining what I saw in his *Qohélet* and offering an introduction to his singular thought. (Maria Filomena Molder)

Joel Silva

Geyser

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



QUI 5 DE MARÇO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M6

Bateria Joel Silva Piano João Paulo Esteves da Silva
Trompete João Moreira Contrabaixo António Quintino

Regra geral, um baterista de jazz desenvolve toda a sua carreira na condição de *sideman*, e por mais – ou até por isso – que se destaque no seu instrumento. Alguns há, no entanto, que têm algo a dizer para além do que fazem com as peles e os pratos e lançam-se a uma atividade como compositores e líderes de grupo. É o caso de Joel Silva: já com provas dadas na bateria, surgiu entretanto com um disco em nome próprio, *Geyser*, reunindo alguns dos melhores músicos da cena nacional, entre consagrados e instrumentistas em fase de afirmação.

A música concebida por Joel Silva é feita de contrastes, com momentos vibrantes e outros de acalmia, tal como o fenómeno hidrogeológico que lhe dá nome. O que quer dizer que é sempre surpreendente, não sendo possível prever o que se sucede. Precisamente o que se pretende numa música como o jazz.

Licenciado em jazz pela ESMAE, do Porto, Joel Silva tem um longo currículo de colaborações com Carlos Barretto, Maria João, Nuno Ferreira, Nelson Cascais, Júlio Resende, Mário Delgado, Bruno Santos e Desidério Lázaro, sendo um dos mais requisitados bateristas da atualidade.

João Moreira divide a sua atividade entre os palcos e o ensino. Carlos Bica, Mário Laginha e os seus irmãos Pedro e Bernardo Moreira são alguns dos músicos portugueses com quem tocou, tendo também tido parcerias com Ben Monder, Chris Cheek, Mark Turner e Julian Arguelles, entre outros.

João Paulo Esteves da Silva completou os seus estudos em França, com prémios de excelência, e tem desenvolvido uma aplaudida carreira ora a solo, ora com nomes como Dennis Gonzalez, Ricardo Rocha, Carlos Bica, Cláudio Puntin e Peter Epstein, sendo um dos pilares do grupo *Matéria-Prima*.

António Quintino é produto da formação jazzística ministrada pela Escola Superior de Música de Lisboa e tem-se feito notar ao lado de Afonso Pais, Paula Sousa, Daniel Bernardes e José Peixoto, entre outros.

Jazz drummers are generally seen as sidemen, yet there are some who have something more to say, reaching beyond their instrument and becoming composers and band leaders. This is the case with Joel Silva, who released an album (*Geyser*) in his own name, playing with some of the best Portuguese musicians, both the established and the up-and-coming ones. Joel Silva's music is a music of contrasts, a mixture of calm and excitement, just like the phenomenon that gave it its name. Exactly what one wants from jazz.

Danza 220V

SÁB 7 DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Direção artística e coreografia Rafael Estévez, Valeriano Paños, Antonio Ruz **Direção musical** Artomatico **Dança** Valeriano Paños, Antonio Ruz, David Coria **Canto** Sandra Carrasco **Música** Artomatico **Desenho de luzes** Agnethe Tellefsen **Figurinos e adereços** Daniela Presta **Luzes** Agnethe Tellefsen **Som** Chipi Cacheda **Direção técnica** Agnethe Tellefsen **Produção** Estévez / Paños Y Compañía **Distribuição internacional** Aurora Limburg

Valeriano Paños passou, entre outras, pela Compañía Andaluza de Danza e pelo Ballet Nacional de España. Antonio Ruz tem um currículo impressionante porque trabalhou e trabalha com as melhores companhias de ballet, de dança contemporânea ou de flamenco, para além de também ser coreógrafo. David Coria dançou com reputadas companhias de dança, trabalhando atualmente com o Ballet Flamenco de Andalucía. Estes três andaluzes, todos premiados e habituados a trabalhar em conjunto, interpretam *Danza 220V*, criado por Rafael Estévez e os dois primeiros *bailaores* referidos, em colaboração com a música eletrónica de Artomatico e a voz castiça de uma *cantaora* de primeiro plano, Sandra Carrasco. Misturam tradicional com contemporâneo, carne como máquina, barroco com neoclássico, onde por vezes surgem lampejos do mais antigo folclore espanhol.

O palco está vazio e escuro. E é sempre da escuridão que *bailaores* e *cantaora* vão surgindo para uma luz que ilumina sobretudo os braços, as mãos, a cara, que sobressaem dos fatos escuros. A eletrónica suave dos aparelhos de Artomatico, em conjunto com o *cante* de Sandra Carrasco, fazem a música. A *cantaora* evolui em torno da velha crueza da poesia popular, enviando uma mensagem que marca o mais primitivo e emotivo tom da comunicação entre os homens.

Chame-se-lhe flamenco contemporâneo, com grande influência da linguagem da dança contemporânea, ou chame-se mesmo dança contemporânea em torno do flamenco, trata-se de uma criação muito bela que se insere nos novos caminhos que o flamenco já há alguns anos anda a explorar.

Flamenco contemporâneo, sim, mas também flamenco tradicional, improvisado no baile e no canto, com a força que em parte os liga à terra e em parte os ergue aos céus, e a nós com eles.

Valeriano Paños has worked with the Compañía Andaluza de Danza and the Ballet Nacional de España, Antonio Ruz with the best ballet, contemporary dance and flamenco companies, David Coria works with Ballet Flamenco de Andalucía. This is contemporary flamenco mixed with contemporary dance in a beautiful creation, but also traditional flamenco improvised in dance and song, partly rooted on earth and partly rising to heaven.



© Jaime Martínez

Driss El Maloumi

Makan



SEX 13 DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M6

Oud Driss El Maloumi
Percussão Saïd El Maloumi, Lahoucine Baquir

Driss El Maloumi, nascido em 1970 em Agadir, Marrocos, licenciou-se em literatura árabe, estudou filosofia da música, seguiu uma muito sólida formação musical clássica árabe e ocidental, recebendo vários prémios.

Trabalhou intensivamente com Jordi Saval e o Ensemble Hesperion XXI e com Monserrat Figueras, colaborou em muitos álbuns de música antiga, tradicional ou clássica, e de jazz.

Por todo o lado a imprensa gaba a qualidade, a pureza, a delicadeza da sua música, qualificando-o de “mágico do Oud”.

Este ano saiu o seu mais recente álbum. Já não gravava desde 2005. Convidou dois percussionistas excepcionais, o seu irmão Saïd El Maloumi e o seu amigo Lahoucine Baquir.

O disco, que está na base do concerto desta noite, *Makan* (Viagem), foi entusiasticamente recebido pela crítica. Com razão, porque é de uma beleza que nos deixa felizes.

Citando alguns dos comentários feitos na imprensa da especialidade, “El Maloumi é daqueles músicos miraculosos que é indispensável ouvir, porque nos tornam melhores.” (*Les Inrockuptibles*). “Enraizado na tradição harmónica e ornamental do Oriente, o mestre de Agadir sintetiza as cores berberes, árabes ou andaluzas, cultivando as tonalidades que fazem a diferença (...). Saboreia-se a variedade e a modernidade dos modos de tocar. Assim como a subtilidade de uma música que se revela menos na demonstração do virtuosismo, do que na elegância do som, a volubilidade do *swing*.” (*Telerama*). “Não há nenhuma necessidade de se ser iniciado na música clássica árabe para apreciar estes preciosos momentos de serenidade e de delicadeza.” (*Mondomix*).

Morocco-born Driss El Maloumi is an award-winning musician with a degree in Arabic literature, who studied philosophy of music and has a solid training in classical Arab and western music. He has worked intensively with Jordi Saval and the Ensemble Hesperion XXI, and with Monserrat Figueras, participating in many albums of early, traditional or classical music, as well as jazz. Universally praised for the quality, purity and delicacy of his playing and music, the press nickname him the “Oud Magician”. His most recent and highly acclaimed album *Makan* (Journey) forms the basis for tonight’s concert.

Nos bastidores da Culturgest

Conheça o que o público não vê na montagem de exposições e espetáculos



© Mana

SÁB 14 DE MARÇO

Para público geral:
Sábado 14 de março · 15h e 17h
5€ (menores de 30 e maiores de 65: 2,50€)

Para grupos organizados e escolas:

Quartas 4 de fevereiro,
11 de março · 11h30 e 14h30
1€ · Marcação prévia:
culturgest.bilheteira@cgd.pt
ou pelo telefone 21 790 51 55

Dur. 1h15 · Lotação limitada
Ponto de encontro:
Bilheteira do átrio de entrada

M6

Nos bastidores da Culturgest existe um mundo mágico e desconhecido. Para a montagem dos espetáculos e das exposições são necessárias semanas de preparação, o envolvimento de muitos profissionais e uma logística complexa. Tudo se passa em espaços a que o público normalmente não tem acesso e usando equipamentos sofisticados.

Na sala de montagem das exposições será explicado como se faz a receção e preparação das obras de arte antes de serem exibidas ao público. Já no Grande Auditório o grupo verá de perto como se fazem as mudanças de cenário e os efeitos de luz e som, o fosso de orquestra e os camarins.

Sob a orientação dos técnicos que diariamente trabalham nestes espaços vamos espreitar como tudo funciona e escutar as suas histórias.

There is a hidden, magical world lying undiscovered behind the scenes at shows and exhibitions. Such events frequently require weeks of preparation, involving the work of many professionals and sometimes calling for quite complex logistics. Everything takes place in areas to which audiences normally do not have access. Come and join us in the backstage world of Culturgest.

Michael Formanek's Cheating Heart

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa



QUI 19 DE MARÇO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M6

Saxofone alto Tim Berne Saxofone tenor Brian Settles
Piano Jacob Sacks Contrabaixo Michael Formanek
Bateria Dan Weiss

Colaborador, no passado, de luminárias como Freddie Hubbard, Joe Henderson, Gerry Mulligan, Stan Getz ou Tony Williams, Michael Formanek conquistou um lugar nos anais do jazz que lhe permitiria prosseguir uma carreira comemorativa dos seus feitos anteriores e das formas tornadas “históricas” sem que ninguém o pudesse recriminar por isso. Assim não o quis este notável contrabaixista e compositor, e o certo é que se manteve na linha da frente, acompanhando a evolução da música e até contribuindo decisivamente para a sua inovação, ao lado de figuras com semelhante visionarismo criativo como Craig Taborn, Ellery Eskelin, Marty Ehrlich e Mary Halvorson.

Cheating Heart é o novo investimento que Formanek está a conduzir com o propósito de continuar a tradição nos domínios da vanguarda ou de conectar esta com o património do jazz, consoante a perspetiva que queiramos adotar. Fá-lo explorando algo em que é um reconhecido especialista: a gestão de contrapontos especialmente dinâmicos. Para esse efeito, escolheu dois exímios saxofonistas para o grupo: o alto Tim Berne, com quem tem uma longa cumplicidade, e um tenor que começa a dar muito que falar, Brian Settles. Na secção rítmica estão com ele dois músicos com um sólido historial de realizações conjuntas e um gosto particular pelo detalhe e pela sutileza, o pianista Jacob Sacks e o baterista Dan Weiss.

Com quatro décadas de atividade, celebradas em 2013 com uma incursão pelo velho *hard bop* com o pianista Freddie Red, Michael Formanek é bem o exemplo do músico inconformista que procura ir sempre mais longe. E em contextos totalmente diferentes, dos intensos *Bloodcount* de Tim Berne à inclassificável parceria com a guitarra *pedal steel* de Susan Alcorn, passando pelo Ensemble Kolossus e o trabalho com a banda Thombscrew. Mais do que um sobrevivente, é um inventor de novos horizontes para o jazz.

Having played with many of the leading names from the jazz world, bassist and composer Michael Formanek could have been forgiven for resting on his laurels, but he prefers to continue in the front line, accompanying new developments and contributing to the music's innovation. Cheating Heart, with Tim Berne (alto sax), Brian Settles (tenor sax), Jacob Sacks (piano) and Dan Weiss (drums), is Formanek's way of combining traditional and avant-garde jazz. He is a nonconformist always looking to push the boundaries further. More than a survivor, he is an inventor of new horizons for jazz.

Cumplicidades

Festival Internacional de Dança Contemporânea de Lisboa

SEX 20, SÁB 21, DOM 22,
DOM 29 DE MARÇO

Programação Ezequiel Santos
Organização EIRA

Ao pensarmos o Festival Cumplicidades considerámos que uma programação deve ter um propósito ancorado na realidade artística e social de uma população. E observamos que, atualmente, a comunidade de dança contemporânea vive constrangida relativamente aos seus meios de produção e de difusão embora disponha de agentes talentosos e capazes de múltiplas elaborações artísticas.

Desta forma, o Festival Cumplicidades, na sua primeira e experimental edição a decorrer em março de 2015, apresenta-se como um lugar de encontro entre iguais e diferentes, habitantes de uma mesma comunidade histórica. O festival decorre no ano em

que assinalam os cinquenta anos da criação do Grupo Gulbenkian de Bailado, aquele que foi um momento impulsionador no desenvolvimento da dança em Portugal e que permitiu na década seguinte abrir o caminho à emergência da dança contemporânea e à criação de uma companhia nacional de bailado. Deste

modo, colocamos a memória como conceito central do Festival Cumplicidades e propomos uma programação dividida em distintos formatos distribuídos em espaços de acolhimento da cidade de Lisboa: espetáculos, *workshops*, palestras e itinerários guiados. Convocando protagonistas de diferentes gerações recorda-



mos a trajetória da dança contemporânea portuguesa desde o final dos anos 80 do séc. XX.

Não sendo nossa intenção realizar uma genealogia da dança portuguesa, pretendemos convocar algumas figuras que honram a nossa curta história: os ascendentes dos anos 80, pioneiros da Nova Dança Portuguesa; as figuras de transmissão patrimonial e de continuidade para o séc. XXI e alguns dos novíssimos nomes da dança portuguesa. Ezequiel Santos

Anchored in the artistic and social reality of a population, this first experimental edition of the Cumplicidades Festival is a meeting place for the equal and the different, the inhabitants of the same historical community. Memory is the festival's central concept, with leading figures from the last 30 years taking part in the programme's different formats: performances, workshops, lectures and guided tours.

Workshop

Sex 20, sáb 21 e dom 22
Das 15h às 19h · Sala 6

Neste *workshop*, a bailarina e coreógrafa Vânia Rovisco aprofunda as práticas e pensamentos que orientam o seu universo de investigação. A criadora propõe-se trazer os extensos conhecimentos adquiridos enquanto bailarina e associá-los à sua experiência em galerias de arte como autora e *performer* de instalações ao vivo. Deste modo, através da relação com os

participantes criar-se-á um lugar em que o corpo, o movimento, o som e a plasticidade se misturam. A informação produzida em estúdio resultará num processo contínuo e ao vivo e será apresentada numa redonda, aberta ao público, no dia 29.

Inscrições limitadas a 15 pessoas. Para mais informação é favor contactar: Ana Carolina Martins · carolina.martins@festivalcumplicidades.pt (+351) 962 279 893

Mesa Redonda

Dom 29
Das 14h15 às 18h · Sala 2

O que terão os criadores a dizer sobre os motivos que orientam o seu trabalho? Quais os pensamentos que emergem da prática da dança em múltiplos lugares públicos e privados? Que conhecimento gostariam de legar aos públicos e os parceiros da sua atividade? Com esta mesa redonda, o Festival Cumplicidades pretende afirmar um momento de partilha de experiências que promova o debate e circularidade de ideias entre os cúmplices: profissionais da dança em diferentes papéis e, público consumidor. Em ambiente de suficiente formalidade serão tratados dois temas. No primeiro, cinco criadores expõem um pouco do seu universo singular: os conceitos que os ocupam, as descobertas que têm feito, as metodologias e campos artísticos que têm tocado. No segundo, quatro coreógrafas com larga experiência no ensino da dança em

diferentes paisagens humanas apresentarão o seu testemunho: a dança na formação das crianças, o contacto com comunidades remotas e minorias étnicas, a dança enquanto promotora de bem-estar em pessoas com doenças físicas. Entrada gratuita.

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo: 2 senhas por pessoa.

A investigação em dança na perspetiva dos criadores

Oradores Lígia e Andresa Soares (bailarinas e coreógrafas), Pedro Ramos (coreógrafo e professor), Sónia Baptista (bailarina e coreógrafa), Vânia Rovisco (bailarina e coreógrafa) **Moderadora** Paula Varanda (coreógrafa e investigadora)

A experiência da dança em diferentes comunidades humanas

Oradores Aldara Bizarro (bailarina e coreógrafa), Margarida Bettencourt (coreógrafa e professora), Sílvia Real (bailarina e coreógrafa), Sofia Neuparth (coreógrafa e professora) **Moderador** Ezequiel Santos (ex-bailarino, psicólogo)

O que é um acontecimento?

Encontros com os filmes de Trinh T. Minh-ha, Peter Hutton, Larry Gottheim, Hollis Frampton, Joyce Wieland e vídeos de Sérgio Taborda

**QUA 25, QUI 26, SEX 27
DE MARÇO**

**Pequeno Auditório
3,50€ (preço único) · M12**

Conceção Sérgio Taborda

Qua 25 março, 21h30
Naked Spaces – Living is Round (1985), de Trinh T. Minh-ha

Qui 26 de março, 21h30
The Fourth Dimension (2001), de Trinh T. Minh-ha

Sex 27 de março, 18h30
Sequências 9 e 10 (2007/14), de Sérgio Taborda

Sex 27 de março, 21h30
In Titan's Goblet (1991), de Peter Hutton; *Landscape for Manon* (1988), de Peter Hutton; *Lodz Symphony* (1993), de Peter Hutton; *A & B in Ontario* (1966/84), de Hollis Frampton e Joyce Wieland; *Fog line* (1970), de Larry Gottheim

A escolha dos filmes inseridos no segundo ciclo de filme e vídeo acolhido pela Culturgest (2014-2015) foi moldada pelos encontros que fui tendo com os filmes destes autores e construída com base nas afinidades e ressonâncias que encontrei entre o trabalho destes artistas que usam o filme e o meu próprio trabalho em vídeo.

O que se desenrola em diferentes níveis nos filmes

com os quais fui tendo férteis encontros no decorrer da residência (enquanto artista/investigador), que tenho estado a realizar desde 2010 no arquivo do Arsenal (Institut für Film und Videokunst) em Berlim com uma bolsa de investigação individual da Fundação para a Ciência e Tecnologia, é uma certa abertura à contingência no interior de um acontecimento – a ocorrência



A & B in Ontario · Filmstill, Arsenal – Institut für Film und Videokunst.e.V

inesperada – com uma duração particular que age sobre a nossa atenção.

O tempo do aparecer do acontecimento – de como as coisas nos aparecem, surgem, eclodem diante de nós – suscitada pela experiência de ver o modo como é captado e montado nestes filmes esteve na origem das escolhas que fiz e dos alinhamentos das três sessões que irão ser apresentadas.

The films for this second cycle were chosen as a result of the affinities and echoes that I found between the work of these artists and my own video work. The films, which I discovered during my research at the archives of the Arsenal (Institut für Film und Videokunst) in Berlin, demonstrate an openness to the contingency that lies inside an event (the unexpected happening) with a duration that acts upon our attention. The time things take to appear before us, as captured and put together in these films, lay at the origin of my choices for these three sessions. (Sérgio Taborda)

Qua 25 de março, 21h30
Naked Spaces – Living is Round (1985), de Trinh T. Minh-ha · EUA, 16mm, 137', cor, sonoro, versão original em inglês (sem legendas)

Na primeira sessão do ciclo olharemos para o filme em 16mm de Trinh T. Minh-ha, *Naked Spaces – Living is Round* (1985), que contém em si um subtil questionamento dos seus próprios gestos e posturas enquanto olha e filma – quem é

que olha para quem e de onde é que se olha – o quotidiano das comunidades de pessoas nos espaços onde habitam, vivem e trabalham em seis países africanos referidos no guião do filme pela ordem geográfica em que vão surgindo ao longo do itinerário percorrido pela autora: Senegal, Mauritània, Togo, Mali, Burkina Faso e Benin.

Reproduzo uma nota de rodapé que se encontra no início do guião de *Naked Spaces – Living is Round*, realizado, fotografado, escrito e montado por Trinh T. Minh-ha onde se refere ao uso de três diferentes vozes que vamos ouvindo aqui e ali (em voz off) enquanto entramos no quotidiano dos lugares onde chega, seguindo-a nos seus movimentos de câmara, passando do exterior para o interior das casas circulares onde vai entrando:

“O texto foi escrito para três vozes femininas representadas aqui por três tipos diferentes de letras impressas. A voz grave, a única que pode soar assertiva, cita os comentários e os ditados dos habitantes da vila, bem como obras de escritores africanos. A voz de longo alcance dá testemunho da lógica ocidental e cita sobretudo os filósofos do Ocidente. A voz de médio alcance fala na primeira pessoa e relata sentimentos e observações pessoais. Nomes de países e de povos aparecem sob a forma de legendas no canto inferior de cada fotograma.”

As três narradoras que ouvimos são Barbara Christian, Linda Peckham e a própria Trinh T. Minh-ha. É a primeira

vez que este filme é exibido em Portugal no seu suporte original (16mm).

Trinh T. Minh-ha nasceu no Vietname, é realizadora, escritora e compositora.

O seu trabalho inclui filmes, instalações, escrita/livros, música/composição.

Entre 1977-80 lecionou no National Conservatory of Music em Dakar, Senegal.

Nos anos seguintes ensinou em várias universidades em diferentes países entre as quais: Cornell (EUA), San Francisco State (EUA), Harvard (EUA) Ochanomizu (Tóquio), Ritsumelkan (Kyoto), Dongguk (Seoul). Atualmente leciona *Gender & Woman Studies e Rhetoric* na Universidade da Califórnia, Berkeley.

Qui 26 de março, 21h30
The Fourth Dimension (2001), de Trinh T. Minh-ha
EUA, Betacam SP, 87', cor, sonoro, versão original em inglês (sem legendas)

Na segunda sessão olharemos para um outro filme de Trinh T. Minh-ha, filmado no Japão em contínuos *travellings* entre a janela do comboio e a travessia das cidades por onde passa, voltando a deixar emergir sobre as imagens uma subtil voz off (neste caso a da própria Trinh T. Minh-ha) como se escutássemos alguns dos seus pensamentos em voz alta.

Também aqui se trata de um encontro o de Trinh T. Minh-ha com um outro Japão ritualizado, que nos é dado a ver nas manifestações com que se cruza nas cidades por onde

passa incluindo alguns festivais locais, rituais religiosos e *performances* teatrais inseridos no dia a dia dessas comunidades.

Sex 27 de março, 18h30

Sequência 9; Sequência 10 (2007/14), de Sérgio Taborda Lisboa-Berlim, Edição e pós-produção Arturo Martínez Steele, vídeo mini-Dv, cor, sonoro, 60', v.o.

No início da última sessão terá lugar uma primeira apresentação de duas novas *Sequências* (9 e 10) que realizei em vídeo, editadas em Berlim com Arturo Martínez Steele em 2013-14.

Sex 27 de março, 21h30

In Titan's Goblet (1991), de Peter Hutton, EUA, 16mm, p/b, mudo, 10'
Landscape for Manon (1988), de Peter Hutton, EUA, 16mm, p/b, mudo, 13'
Lodz Symphony (1993), de Peter Hutton, EUA, 16mm, p/b, mudo, 20'
A & B in Ontario (1966/84), de Hollis Frampton e Joyce Wieland, EUA, 16 mm, p/b, sonoro (sem diálogos), 16'
Fog line (1970), de Larry Gottheim, EUA, 16mm, cor, mudo, 11'

Na sessão da última noite encaixavam-se três filmes de Peter Hutton, um filme resultante de uma colaboração entre Hollis Frampton e Joyce Wieland e um filme de Larry Gottheim. As 'pontas' de película destes vários filmes em 16mm serão ligadas pelo projecionista sem cortes, pelo que iremos vê-los passando de uns a outros com este alinhamento intuído, sem

intervalos, numa ininterrupta cadeia com a duração total de 70 minutos.

A postura que encontramos nos dois filmes de Trinh T. Minh-ha vistos anteriormente, abrindo um espaço ao filmar para deixar que os acontecimentos apareçam a seu tempo e nos seus tempos próprios, emerge a outros níveis nos filmes de Peter Hutton e de Larry Gottheim projetados nesta sessão.

Nascido em Detroit, Michigan, Peter Hutton estudou pintura, escultura e filme no San Francisco Art Institute. Ensinou nos departamentos de filme da CalArts (Los Angeles) na Harvard University, e em SUNY Purchase. Em maio de 2008 teve lugar no Museum of Modern Art, Nova Iorque, uma retrospectiva integral dos seus filmes. A partir de 1985 leciona no departamento de *Film and Electronic Arts* do Bard College, situado nas imediações do Rio Hudson (Annandale-on-Hudson) no estado de Nova Iorque. No primeiro ano letivo em que passou a lecionar no Bard College, Peter Hutton começou a explorar as margens do vale do Rio Hudson e realizou dois filmes que se relacionam com a pintura americana de paisagem do século. XIX ligada ao vale do Rio Hudson (*The Hudson River School of Painting*), em particular com algumas das que foram pintadas por Thomas Cole. O título do filme de Peter Hutton com que começa esta última sessão do ciclo *In Titan's Goblet*, remete-nos para o título de uma pintura de Thomas Cole, *The Titan's*

Goblet (1833, encontra-se no Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque), captando a preto e branco em planos fixos, entre outros acontecimentos, massas de nuvens a mexer em noites de lua cheia inserindo intervalos a negro entre cada plano.

A duração dos silenciosos planos do filme a preto e branco que se lhe segue, *Landscape for Manon* (1988) – foco de luz do sol irrompe por entre as nuvens incidindo num tronco de uma árvore 'fazendo-a aparecer' em tempo real, montanhas destapadas por aberturas de luz no horizonte, sequências de copas de árvores mexidas pelo vento – criam uma experiência meditativa da paisagem que evoca o que olhamos nalgumas pinturas de Thomas Cole das paisagens das montanhas de Catskills, entre as quais *River in Catskills* (1843) que se encontra no Museum of Fine Arts em Boston.

Em *Lodz Symphony* (1993), Peter Hutton deambula por Lodz tendo-me 'ficado' do que vi dele sobretudo o último plano, um dos planos mais escultóricos que já vi em cinema. Num outro momento desta sua deambulação por Lodz retive uma forte sequência de planos em que filma os movimentos de engenhos mecânicos produzindo industrialmente rolos de fios usados na indústria têxtil que teve uma certa expressão na história desta cidade polaca.

A & B in Ontario, 1966/84, o filme que se lhe segue resulta de uma colaboração entre Hollis Frampton e Joyce Wieland filmando-se mutua-

mente com câmaras à mão. Só 18 anos depois de ter sido filmado (1966-1984), e pouco depois de Hollis Frampton ter falecido (1984), é que Joyce Wieland viria a montá-lo descrevendo assim o modo como foi feito 'a dois': "Hollis e eu voltámos a Toronto em férias no verão de 67. Estávamos a ficar em casa de um amigo. Andámos a passear pela cidade e acabámos por chegar à ilha. Íamo-nos seguindo um ao outro. Divertimo-nos. Comentámos que íamos fazer um filme, um sobre o outro – e fizemos."

Joyce Wieland (1933-1998) nasceu em Toronto, Canadá, onde começou por ter uma formação em pintura e desenho assumindo um certo protagonismo em ações cívicas públicas e *performances* reivindicando questões de género, identidade, nacionalidade, inovadoras nesse contexto cultural. Realizou o seu primeiro filme em 1958 e em 1962 mudou-se para Nova Iorque, onde começou intensivamente a filmar em Super 8 e 16mm tornando-se juntamente com Hollis Frampton, Paul Sharits e Michael Snow (com quem casou e começou a viver em Nova Iorque) uma das fundadoras do movimento ligado ao surgimento do 'filme estrutural' (*structural film*).

Hollis Frampton (1936-1984) nasceu em Ohio em 1936. Depois de ter estudado entre 1954 e 1957 na Western Reserve University em Cleveland, Ohio, foi viver para Washington tornando-se aluno de Ezra Pound. Ao mudar-se para Nova Iorque conheceu

Frank Stella e Carl André e começou a trabalhar em fotografia. Pouco depois surgem os seus trabalhos em filme entre os quais *Zorn's Lemma*. Em 1973 começou a ensinar na State University, Nova Iorque. As suas investigações sobre as particularidades do funcionamento da máquina do cinema encontram-se materializadas nas duas grandes séries que realizou em filme: *Hapax Legonema* (1971-1972 em sete partes) e a inacabada *Magellan* que atravessou a última década da sua vida.

O alinhamento desta sessão termina com o filme de Larry Gottheim, *Fog line* (1970), o primeiro trabalho seu que vi no arquivo do Arsenal e encontrei ao vê-lo ressonâncias várias com um dos primeiros trabalhos em vídeo que fiz intitulado *Scanning* (2003). Em *Fog Line* um plano fixo que dura 11 minutos capta uma paisagem coberta por um intenso nevoeiro que se destapa lentamente revelando em distintos momentos três árvores com copas baixas e largas a diferentes alturas distâncias e implantações no terreno em relação ao sítio de onde as vemos. Este terreno é atravessado por uns cabos

de eletricidade que marcam a parte superior do horizonte do plano coberto de nevoeiro que vai 'abrindo' ao longo do tempo que a olhamos.

Em 1969 Gottheim e Ken Jacobs criaram o departamento de filme de Suny-Binghamton convidando em meados dos anos 70 autores como Peter Kubelka, Ernie Gher, Taka Limura e Nicholas Ray para aí realizarem *workshops* tornando-se nesse período de tempo pela qualidade da programação que propunha e pelas práticas dos autores residentes ou convidados do que frequentavam um dos mais inovadores departamentos de filme existentes nos EUA.

Sérgio Taborda
Berlim, Mucifal, julho/agosto/
setembro, 2014.

Sérgio Taborda nasceu em 1958, Vila Nova de Poiares (Coimbra). Vive e trabalha em Berlim e Lisboa. Atualmente é artista/investigador residente no Arsenal (Institut für Film und Videokunst) em Berlim, onde vive e trabalha no âmbito de uma bolsa de investigação individual pós-doutoramento da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia (2010-2015).



Naked Spaces - Living is Round - Filmstill, Arsenal - Institut für Film und Videokunst.e.V

Nate Wooley

Ciclo de concertos comissariado
por Filho Único



© Ziga Koritnik

QUI 26 DE MARÇO

CULTURGEST PORTO
22h · Duração: 40 min.
5€ (preço único)

M6

Bilhetes à venda nos locais
habituais e na Culturgest
Porto.

Trompete Nate Wooley

Nate Wooley (Clatskanie, Oregon, 1974) é um trompetista sediado em Nova Iorque há mais de uma década, a partir de onde se tornou um dos mais requisitados músicos nas comunidades de jazz, improvisada e contemporânea, tendo vindo a tocar de forma regular com ícones como John Zorn, Anthony Braxton, Evan Parker ou Yoshi Wada, e contando-se já acima de uma centena os registos fonográficos com o seu nome creditado. O seu estilo original tem sido comendado como parte de uma pujante revolução global motivada para a transformação da expressividade do trompete, a par de nomes como Peter Evans ou Axel Dorner. As suas composições lidam com noções de manipulação de embocadura matizadas pela linguística e empregam o trompete como controlador de *feedback* amplificado, revelando um domínio técnico extraordinário do instrumento e uma vontade clara em redefinir as suas capacidades e a forma como é ainda encarado pelo público à luz do seu contexto histórico no campo do jazz clássico interpretativo. Nesta singular ocasião na Culturgest Porto, Wooley interpretará uma nova peça da sua lavra da série *Syllables*, e *OCCAM X*, da autoria de Eliane Radigue, a ilustre compositora francesa octogenária reconhecida mundialmente pelo seu trabalho pioneiro no campo da música eletrónica minimalista, nomeadamente com o sintetizador ARP. Esta peça é parte de um conjunto substancial de novas obras para instrumentos acústicos que Radigue se desafiou a escrever para um lote exclusivo de músicos do panorama atual, no qual Wooley se integra, e foi estreada mundialmente no Issue Project Room, em Nova Iorque, em outubro último.

Filho Único

Oregon-born trumpeter Nate Wooley has been based in New York for over a decade. One of the most sought-after musicians in the jazz world, he regularly plays with such icons as John Zorn, Anthony Braxton, Evan Parker and Yoshi Wada, and has over a hundred recordings to his name. His original style is part of a revolution intent on transforming the expressiveness of the trumpet, while his compositions reveal a clear desire to redefine the instrument in the public's eyes. At Culturgest Porto, Wooley will play a new piece from his own *Syllables* series, and *OCCAM X*, composed by Eliane Radigue.

Pântano



© Helena Gonçalves

SEX 27, SÁB 28
DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h10
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na sexta-feira dia 27,
após o espetáculo, haverá
uma conversa com os
artistas na Sala 1.

O Útero está integrado no
projeto Guimarães 2012-2016
e é uma estrutura apoiada
pelo Governo de Portugal,
Secretário de Estado da
Cultura, Direção-Geral
das Artes.

www.uterobiz

Direção Miguel Moreira **Intérpretes / Cocriadores** Alan Falieri,
Catarina Félix, Francisco Camacho, Romeu Runa **Música** Bentes
– Projecto SHHHH, Carlos Zingaro **Fotografia** Helena Gonçalves
Produção Útero **Coprodução** Centro Cultural Vila Flor,
Culturgest, Lecentquatre, Teatro Nacional São João **Teatro**
associados Centro Cultural de Ílhavo, Centro das Artes de Ovar,
Cine-Teatro Avenida, TAGV, Theatro Circo **Residência artística**
Centro Cultural Vila Flor, Centro Cultural de Ílhavo, Eira,
Le Cent Quatre

Os peregrinos são pessoas que resolvem fazer uma profunda
reflexão sobre si mesmos em movimento.

Há uma postura de solidão e sacrifício, numa procura de um
pensamento para o homem de hoje.

São espaços criados pelo peregrino em movimento.

“Espaços limite, neutros, onde as normas e os preceitos
se diluem na fronteira entre a vida civilizada e o mundo
selvagem...” (In prefácio *Cais Oeste* de Bernard-Marie Koltès by
Ernesto Sampaio).

Constrói-se a possibilidade de um encontro entre estas
pessoas em movimento/peregrinas e estas pessoas constroem
um pensamento solidário e coletivo.

“E agora? Por onde? Como? Meu Deus! Por aqui?” (In *Cais
Oeste* de Bernard-Marie Koltès) Miguel Moreira

Miguel Moreira, fundador e diretor do Útero, estreou-se na
encenação em 1997 no Teatro O Grupo. Trabalhou no coletivo
Olho, no Teatro O Bando e com, entre outros, João Brites, João
García Miguel, Paulo Castro, Demarcy Mota, Carlos Afonso
Pereira, Ana Nave, Tiago Rodrigues, Teatro Praga, Joaquim
Benite, Vera Mantero, Olga Roriz, Rui Horta, Ana Borrallho e
João Galante. Colaborou com a Orchestrutopica e com Pedro
Carneiro. Trabalhou em cinema e em televisão. As suas criações
recentes assumem definitivamente o lugar do corpo e da
coreografia. Tem desenvolvido a sua pesquisa em colaboração
com os bailarinos Romeu Runa, Catarina Félix e Sandra Rosado.
Criou com Romeu Runa *The Old King*, que teve presença na
Programação Oficial do Festival de Avignon.

Pilgrims are people who decide to reflect deeply on themselves
in motion, adopting a posture of solitude and sacrifice, looking
for a thought for today's man. These are spaces created by the
pilgrim in motion. “Spaces on the edge, neutral spaces, where
rules and precepts dissolve on the border between civilised
life and the savage world...” (Ernesto Sampaio). The possibility
is constructed of encountering these pilgrims in motion, who
in turn construct a collective thought of solidarity. “And now?
Where? How? My God! This way?” [Bernard-Marie Koltès]
(Miguel Moreira, founder and director of Útero)

Exposições

Honey, I rearranged the collection... by artist

Cartazes da Coleção Lempert
(capítulo 1 / 1.ª parte)



ATÉ 15 DE MARÇO

Galerias 1 e 2
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

Curadoria Miguel Wandschneider

Desvendamos aqui e agora parte de uma extraordinária coleção de cartazes de artista e de exposição, iniciada na década de 1960 e composta atualmente por cerca de 15 mil espécimes. A coleção será mostrada numa série de cinco exposições que irão pontuar o programa da Culturgest até ao final de 2018. O projeto desdobra-se em três capítulos; e como o título sugere (um título pedido de empréstimo a um conjunto de obras do artista Allen Ruppersberg), esses objetos são selecionados e organizados segundo diferentes perspetivas. No primeiro capítulo, são destacados os cartazes de vários artistas que a esse meio dedicaram especial atenção. No segundo, igualmente desdobrado por duas exposições consecutivas, os cartazes serão selecionados e organizados por tópico. Finalmente, os cartazes escolhidos serão alinhados por ordem cronológica.

Os artistas destacados nesta exposição põem em jogo nos seus cartazes as preocupações, ideias, atitudes e linguagens que caracterizam o seu trabalho num dado momento. Para muitos deles, os cartazes são parte integrante do seu trabalho, são objetos que valem em si mesmos e por si mesmos, para além (muitas vezes aquém) da sua função de divulgação, frequentemente à revelia de critérios de eficácia comunicacional. Nessa medida, quando vistos no seu conjunto, os cartazes proporcionam uma viagem tão surpreendente quanto fascinante pela obra (e pela carreira) destes artistas. À medida que vamos percorrendo a exposição, somos conduzidos numa viagem igualmente apaixonante pelos meandros da história da arte nos últimos cinquenta anos.

Artistas: Jean Dubuffet, Claes Oldenburg, Ben Vautier, Allan Kaprow, Robert Rauschenberg, Andy Warhol, Richard Hamilton, Dieter Roth, Ellsworth Kelly, Dan Flavin, Sol LeWitt, Richard Tuttle, Hanne Darboven, Lawrence Weiner, Marcel Broodthaers, James Lee Byars, Gino de Dominicis.

Unveiled here is part of an extraordinary collection of artist's and exhibition posters begun in the 1960s and now comprising roughly 15,000 items. The collection will be displayed in a series of five exhibitions interspersed in the course of the Culturgest programme until late 2018. The project is divided into three chapters, and, as the title suggests (a title borrowed from a group of works by the artist Allen Ruppersberg), these objects are selected and arranged according to different perspectives. In the first chapter, which will be completed with a second exhibition held immediately after this one, various artists who have devoted special attention to this medium are highlighted. In the second, which will also be divided into two consecutive exhibitions, the posters are selected and arranged by topics. In the last one, the selected posters will be displayed in chronological order.

Visitas guiadas por
Miguel Wandschneider
Sábados, 17 de janeiro
e 28 de fevereiro, 17h

Consulte as atividades do
Serviço Educativo em torno
da exposição, nas págs. 88
e 89 deste programa.

Pinceladas de celuloide: uma antologia da perceção fílmica do artista de 1942 até hoje



CULTURGEST PORTO
DE 7 DE FEVEREIRO
A 24 DE ABRIL

Inauguração: sexta-feira,
6 de fevereiro, 22h

Entrada gratuita

Curadoria e organização Établissement d'en face

Em paralelo, e como contraponto, à exposição *Honey, I rearranged the collection... by artist*, a Culturgest reativa uma exposição muito *sui generis*, organizada em 2011 pelo coletivo Établissement d'en face, em Bruxelas, e que nos dois anos seguintes fez um périplo por Berlim (Isabella Bortolozzi), Roterdão (Witte de With) e Nova Iorque (Ludlow 38). A exposição compõe-se de cartazes que foram encomendados a cerca de setenta artistas e que tomam como inspiração e referência os mais diversos filmes acerca da vida e da obra de artistas famosos ou fictícios, desde filmes raramente vistos ou obscuros, até produções de Hollywood, passando por filmes de autor e por outros feitos por artistas. Desse heteróclito elenco fazem parte alguns artistas que nos últimos anos expuseram na Culturgest, como Jos de Gruyter e Harald Thys, Koenraad Dedobbeleer, Bernard Voïta e Danh Võ, mas também Saådane Afif, Leonor Antunes, Thomas Bayrle, Keren Cytter, Olivier Foulon, Michel François, Rainer Ganahl, Karl Holmqvist, Silvia Kolbowski, Sophie Nys, Richard Venlet, ou Peter Wächtler, entre tantos outros.

Culturgest offers a contrasting parallel to the exhibition *Honey, I rearranged the collection... by artist*, by reactivating a very particular exhibition, organised in 2011 by the art collective Établissement d'en face, in Brussels, which, over the next two years, toured Berlin (Isabella Bortolozzi), Rotterdam (Witte de With) and New York (Ludlow 38). The exhibition *Celluloid Brushes: An anthology of the filmic perception of the artist from 1942 till today* comprises posters commissioned from seventy artists, relating to the most diverse films about the life and work of famous or fictitious artists. These range from rarely screened or obscure films to Hollywood productions, including art house films and others made by artists. Included in this extraordinary line-up are some artists who have exhibited at Culturgest in recent years, such as Jos de Gruyter and Harald Thys, Koenraad Dedobbeleer, Bernard Voïta and Danh Võ, but also Saådane Afif, Leonor Antunes, Thomas Bayrle, Keren Cytter, Olivier Foulon, Michel François, Rainer Ganahl, Karl Holmqvist, Silvia Kolbowski, Sophie Nys, Richard Venlet, and Peter Wächtler, among so many others.

**Conversa com Margot
Vanheusden e Michael Van
den Abeele acerca do coletivo
Établissement d'en face**
Sábado, 7 de fevereiro, 17h

A doce e ácida incisão

A Gravura em contexto (1956-2004)



Vitor Pomar. *Calendário IV*, 1976

**CÍRCULO DE ARTES
PLÁSTICAS DE COIMBRA –
CÍRCULO SEREIA
ATÉ 3 DE JANEIRO**

CAPC – Círculo Sereia
Casa Municipal da Cultura
Rua Pedro Monteiro
3000-329 Coimbra
Tel. 239 82 16 70
Email: capc.geral@gmail.com
De 3ª feira a sábado: 14h-18h
Entrada gratuita

Curadores David Santos e Delfim Sardo

Desde maio de 2014 que a exposição consagrada à atividade da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses (Gravura), inicialmente apresentada no Museu do Neo-Realismo, em 2013, se encontra em itinerância. Depois da sua passagem pelo Museu Grão Vasco (Viseu) e pelo Museu do Coa, o ciclo continua no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

Fundada em 1956, a Gravura correspondeu à ambição de democratização das práticas artísticas através da difusão de obras gravadas, simbolicamente a simbiose entre a artesanaria da prática artística e a produção de múltiplos que transportassem a arte para públicos mais amplos. Inicialmente muito ligada ao movimento neorrealista, a Gravura cruzou o seu caminho com a *Seara Nova*, mas também com os experimentalismos da década de 1970, mantendo uma intensa atividade de produção, formação e exposição.

A exposição apresenta um conjunto de 60 gravuras que incluem obras dos mais relevantes artistas portugueses da segunda metade do século XX, fazendo assim um percurso pelas várias tipologias, estratégias e metamorfoses do uso da gravura e pela história da arte contemporânea nacional.

Por ocasião desta itinerância foi reeditado o catálogo no qual se encontram reproduzidas as obras em exposição, bem como uma secção *raisonné* de todas as gravuras distribuídas aos sócios entre 1956 e 2004.

Since May 2014, the exhibition devoted to the activity of the Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses (Gravura), first presented at the Museu do Neo-Realismo in 2013, has been travelling around the country. After visiting the Museu Grão Vasco (Viseu) and the Museu do Coa, the cycle of exhibitions continues at the Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

Founded in 1956, Gravura has pursued the aim of democratising artistic practices through the dissemination of engraved works, symbolising the symbiosis between artistic craftsmanship and the production of multiple copies capable of transporting art to wider audiences. Initially very closely linked to the neo-realist movement, Gravura later crossed paths with *Seara Nova*, but also with the experimental movements of the 1970s, maintaining an intense activity of production, training and exhibition.

The 60 pieces chosen for display include works by some of the most important Portuguese artists from the second half of the 20th century, showing us the various typologies, strategies and changes occurring in the use of engraving.

Serviço Educativo

Crianças

Matéria e Cor Pág. 86

Honey, I rearranged the exhibition... by artist Pág. 88

Sopa Nuvem Pág. 92

A Grande Invasão Pág. 93

Férias de Páscoa na Culturgest Pág. 94

A Bracilagem: o diário íntimo da sereia Pág. 95

Celebra o teu dia de anos com arte Pág. 97

Adultos

10 obras/10 artistas portugueses contemporâneos Pág. 84

Honey, I rearranged the exhibition... by artist Pág. 88

A bofetada e o soco: o manifesto como discurso... Pág. 91

Famílias

Matéria e Cor Pág. 86

Sopa Nuvem Pág. 92

A Grande Invasão Pág. 93

A Bracilagem: o diário íntimo da sereia Pág. 95

Celebra o teu dia de anos com arte Pág. 97

Professores e educadores

10 obras/10 artistas portugueses contemporâneos Pág. 84

Arte contemporânea como inspiração... Pág. 85

Práticas de mediação e educação... Pág. 87

A bofetada e o soco: o manifesto como discurso... Pág. 91

Mediadores culturais e educadores em museus

Arte contemporânea como inspiração... Pág. 85

Práticas de mediação e educação... Pág. 87

Acessibilidade: uma visão integrada (3.^a edição) Pág. 90

Grupos escolares

Matéria e Cor Pág. 86

Honey, I rearranged the exhibition... by artist Pág. 88

Sopa Nuvem Pág. 92



Dançário. Espetáculo apresentado em novembro de 2014 © Mana

10 obras / 10 artistas portugueses contemporâneos

CURSO

Destinatários:
adultos

Sex 9 de janeiro,
6 de fevereiro, 6 de março
Das 12h30 às 14h
3€ · Marcação prévia
Mínimo: 10 participantes
Máximo: 30 participantes

Conceção e orientação Bruno Marques

Imagine ter de contar a história da arte contemporânea portuguesa através da obra de apenas 10 artistas. Quais seriam as suas escolhas? Quais seriam os artistas representados no seu “museu imaginário”?

O presente ciclo estabelece uma perspetiva sobre a criação portuguesa das últimas décadas, partindo da análise de um conjunto de criadores que considerámos emblemáticos, da arte produzida entre 1960 e 2010.

Em cada sessão iremos debruçar-nos sobre um artista, traçando a sua trajetória e dando enfoque a uma única obra, recorrendo, para isso, ao acervo da Coleção da Caixa Geral de Depósitos.

As obras serão abordadas segundo a sua contextualização histórica, análise estético-formal e a interpretação e reflexão em torno dos marcos estruturantes da arte contemporânea, num curso que se pretende participativo e gerador de diálogos.

9 de janeiro Helena Almeida; **6 de fevereiro** Julião Sarmento;
6 de março Pedro Cabrita Reis
(até junho: José Pedro Croft, Jorge Molder, Fernanda Fragateiro e Filipa César)



Helena Almeida, *Ouve-me*, 1979 · Coleção da Caixa Geral de Depósitos
Fotografia: Laura Castro Caldas / Paulo Cintra

Arte contemporânea como inspiração para a sala de aula (3.ª edição)

CURSO

Destinatários:
professores, educadores,
educadores e mediadores
em museus, artistas

Sáb 10 de janeiro
e 28 de fevereiro
18 de abril (sessão gratuita
exclusiva para acreditação
de professores)
Das 10h às 16h30
30€ por sessão
Desconto de 15% na inscrição
em todas as sessões

Marcação prévia
Mínimo: 15 participantes
Máximo: 80 participantes

Confere direito a certificado de participação.
Professores: curso acreditado pelo CFAN da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual – APECV, com 1 crédito. Informe-se junto do Serviço Educativo.



Programa de Educação
Estética e Artística
do Ministério da Educação

Oradores convidados Susanne Themnitz e Alexandre Estrela
Sessões práticas João Catarino, João Queiroz, Susana Gaudêncio e Tiago Batista

Numa sociedade em transformação, aberta e em rede, também as estratégias de aprendizagem se adaptam, repensam e evoluem.

De que forma o contato com a cultura poderá ampliar horizontes, consciências críticas e potenciar de uma forma criativa o trabalho com os nossos alunos?

Convidámos educadores, artistas e investigadores a promover diálogos, partilhar experiências e práticas sobre a aplicação das metodologias da arte contemporânea como inspiração na aprendizagem.

Será a arte contemporânea suficientemente transdisciplinar para abordar disciplinas tão díspares como a física, a matemática, a geografia ou o português? Ou será esta capaz de revolucionar a nossa formação enquanto indivíduos?

Um curso com exemplos práticos da (e para a) sala de aula à luz da perspetiva da parceria entre a escola e os museus e centros de arte contemporânea.



© Mariana Pereira

Matéria e Cor

OFICINAS

Destinatários:
grupos escolares
e famílias (para crianças
dos 3 aos 10 anos)

Duração: 2h
2,50€ · Marcação prévia
Lotação limitada

6 Oficinas / 6 Temas:
Pigmento, Cor, Textura, Corpo, Têxtil, Matéria

Conceção e orientação Ana Teresa Magalhães e Patrícia Freire
O que é que a terra e o açafreão têm em comum? Pigmento, Cor, Textura, Têxteis, Corpo e Matéria servirão como ponto de partida para um ciclo de oficinas onde se irão explorar as múltiplas potencialidades plásticas dos ‘ingredientes’ que fazem parte dos nossos dias. Poderão estes ser solo fértil para a criação de obras-primas?

Pré-escolar 10h e 14h30

Textura De ter 13 a sex 16 de janeiro; **Corpo** De ter 3 a sex 6 de fevereiro **Têxtil** De ter 3 a sex 6 de março

1.º ciclo 10h e 14h30

Textura De ter 20 a sex 23 de janeiro; **Corpo** De ter 10 a sex 13 de fevereiro; **Têxtil** De ter 10 a sex 13 de março

Famílias (dos 3 aos 10 anos) 15h

Textura Sáb 17 de janeiro; **Corpo** Sáb 7 de fevereiro; **Têxtil** Sáb 7 de março



© Patrícia Freire

Práticas de mediação e educação nas artes e na cultura contemporâneas

CURSO / ENCONTRO

Destinatários:
educadores e mediadores
em museus e centros de arte,
professores e artistas

Das 18h30 às 21h30
11€ (1 sessão)
Marcação prévia
Mínimo: 15 participantes
Máximo: 40 participantes

Até junho de 2015.
Informe-se das datas e dos próximos oradores junto do Serviço Educativo.

Estão disponíveis 2 entradas gratuitas. Caso queira concorrer informe-se junto do Serviço Educativo.

O caso das instituições e agentes culturais portugueses

Que estratégias utilizam as instituições e os agentes culturais portugueses para promover a participação e a interação dos públicos? Em Portugal, existem práticas artísticas inovadoras dedicadas à comunidade e à educação? Que vertentes de mediação cultural e artística podemos encontrar? Quais os motivos por detrás destas práticas?

Com estas e muitas outras, questões em mente, convidámos alguns dos artistas, programadores e investigadores mais prolíferos e ativos na área da mediação e da participação para, através do relato das suas experiências, refletirmos sobre a divergência e a riqueza dos seus projetos.

Elisabete Paiva e Samuel Guimarães
Qua 21 de janeiro

Fátima Alves e Miguel Horta
Ter 24 de fevereiro



Honey, I rearranged the exhibition... by artist

VISITAS

Destinatários:
adultos

Marcação prévia
Ponto de encontro: bilheteira

A exposição decorre nas galerias 1 e 2 até 15 de março. Para mais informações consulte as páginas 74 e 75.



Visitas gratuitas à hora de almoço

Qua 28 de janeiro 12h10; qui 12 de fevereiro 13h10;
qua 25 fevereiro 13h10; qui 12 de março 12h10

VISITAS JOGO

Destinatários:
grupos organizados

Duração: 1h
1€ · **Marcação prévia**
Lotação limitada

Surpresa, coleí os artistas na parede! Pré-escolar e 1.º ciclo

Conceção Ana Nunes e Ana Teresa Magalhães

Do cartaz à exposição, o que é uma obra de arte afinal? Que preciosidade é essa que nos mostra outros olhares? Por entre letras e imagens, vamos descobrir e decifrar mensagens deixadas por vários artistas ao longo do tempo. Será que podemos recriar uma coleção? Palavras-chave: mensagem, decifrar, cartaz, coleção, recriar, herança, artista.

Penduro-me na parede Pré-escolar e 1.º ciclo (movimento)

Conceção Susana Alves e Joana Ratão

Já ouviste dizer que as paredes não têm ouvidos!... Desta vez, na galeria da Culturgest, vais poder comprovar que mesmo sem ouvidos, as paredes podem falar, anunciar e chamar... Pshhhht chega aqui! Pendura-te ao meu lado, na parede! Palavras-chave: voz e corpo, pele, parede, cartaz, convidar, aproximar, visitar, comunicar, multiplicar H/história.

Artistas em cartaz 2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário

Conceção Ana Nunes e Ana Teresa Magalhães

O que é a comunicação? Como nos chega a informação? Ao longo da visita vamos conhecer as múltiplas faces de uma coleção muito particular. De galeria em galeria, temos em destaque vários artistas. Que impacto provocaram em nós? Palavras-chave: Comunicar, cartaz, evento, lugar, artista, exposição, coleção, herança, diversidade, continuidade.

VISITAS OFICINA

Destinatários:
grupos organizados

Duração: 2h
2,50€ · **Marcação prévia**
Lotação limitada

Anunciar aos quatro ventos! Pré-escolar e 1.º ciclo

Conceção Joana Ratão e Irina Raimundo

O vento espalhou cartazes e, pela galeria da Culturgest, ouvem-se histórias de outros tempos! E agora? Aproximamo-nos, afastamo-nos e enrolamos alguns cartazes debaixo do braço. A partir de agora somos nós quem faz a história! Uma visita-oficina sobre cartazes! Palavras-chave: carimbo, recorte, mancha, impressão, multiplicação, mensagem, cartaz, coleção, herança.

Está para acontecer! Chega aqui ao pé e vais ver 2.º e 3.º ciclo

Conceção Joana Ratão e Irina Raimundo

Nas paredes da galeria da Culturgest guardam-se cartazes com fragmentos de história. Parece que se ouve o que querem dizer. Uma visita oficina para recriar, recortar e construir cartazes. Palavras-chave: impressão, multiplicação, comunicação, acessibilidade, cartaz, informação, arte, geometrismo, experiência, história, arte.

Em Cartaz: A impressão impressiona! Ensino secundário

Conceção Joana Ratão e Irina Raimundo

Descobrir mensagens, conhecer linguagens, admirar diversidades. Um encontro com a história da arte através de cartazes realizados por alguns dos artistas protagonistas. Ver. Ocupar o lugar. Criar! Uma visita-oficina sobre cartazes. Palavras-chave: impressão, multiplicação, comunicação, acessibilidade, cartaz, vanguarda, estética, função, artistas.



Andy Warhol. Bank - RCA Color Scanner, 1968 - Radio Corporation of America, Nova Iorque

Acessibilidade: Uma visão integrada (3.^a edição)

CURSO/ENCONTRO

Destinatários:
Profissionais da cultura
(trabalho nas áreas de
conteúdos, exposições,
educação, comunicação),
estudantes

Seg 2, 9, 16 e 23 de fevereiro,
2, 9, 16 e 23 de março
Das 18h30 às 21h30
70€ · 65€ (estudante/
desempregado); 60€ (Sócio
Acesso Cultura)

Marcação prévia
Mínimo: 15 participantes
Máximo: 25 participantes

Coordenação Acesso Cultura **Formadores** Anaísa Raquel,
Clara Mineiro, Maria Vlachou, Norberto Sousa, Patrícia Roque
Martins, Pedro Homem Gouveia, Peter Colwell, Renato Bispo

A Acesso Cultura promove, em parceria com a Culturgest, a terceira edição do curso *Acessibilidade: Uma visão integrada*.

A Acesso Cultura defende um conceito de acessibilidade que vai muito além das rampas e das casas de banho adaptadas. Um conceito que encara a acessibilidade como uma área transversal a toda a atividade das instituições culturais. Acreditamos que existe uma necessidade cada vez maior de partilhar com os profissionais da cultura e com as suas tuteladas este conceito alargado de acessibilidade. Assim, nesta formação vamos refletir sobre o edifício; o *design* inclusivo; os materiais táteis; a audiodescrição; a acessibilidade dos nossos websites e dos documentos digitais; os materiais de divulgação e a linguagem que usamos. Esperamos poder sensibilizar, partilhar os nossos conhecimentos, aprender com os outros e chegar ao dia em que as pessoas com necessidades especiais serão visitantes e espectadores autónomos nas nossas instituições culturais, tal como todos os outros, e que farão cada vez mais parte das equipas das mesmas.

Inscrição e programa detalhado no site Acesso Cultura
www.acesocultura.org



© João Freitas · Fotografia vencedora do concurso *É possível captar a acessibilidade?*

A bofetada e o soco: o manifesto como discurso artístico

CURSO

Destinatários:
adultos

Ter 3, 10 e 24 de fevereiro,
3, 10 e 24 de março
Das 18h30 às 20h30
40€ · Marcação prévia
Mínimo: 10 participantes
Máximo: 30 participantes

Confere 50 créditos para
alunos do Ar.Co

A bofetada e o soco¹: o manifesto como discurso artístico
Conceção e orientação Joana Batel

A afirmação de um formalismo e de um estilo não condiz com o passo brando e pensativo do génio. Os tempos difíceis exigem união e punho forte. A urgência de uma tomada de posição formal faz do manifesto não uma declaração de princípios, mas um modo de fazer arte. Os ânimos estão ao rubro e a picardia sobre o que deve ser arte enreda o manifesto artístico de intertextos e imagens.

Partindo da leitura comentada dos manifestos² das vanguardas históricas e outros textos clássicos de rutura, iremos traçar cronologicamente a história das mudanças estilísticas. Ao longo das sessões serão analisadas as novas formas de construção imagética para localizar o vocabulário, a gramática e semântica da arte moderna e contemporânea.

Futurismo F.T. Marinetti, *Manifeste du Futurisme* (1909)
Construtivismo Kasimir Malevitch, *Suprematist Manifesto* (1916)
Dadaísmo Hugo Ball, *Dada Manifesto* (1916) e Tristan Tzara, *Dada Manifesto* (1918)
Surrealismo André Breton, *Le Manifeste du Surréalisme* (1924) e *Deuxième Manifeste du Surréalisme* (1929)
Minimalismo Michael Fried, *Art and Objecthood* (1967)
Arte Povera Germano Celant, *Arte Povera, Appunti per una guerriglia* (1967)

1. Do *Manifesto Futurista* de F.T. Marinetti.
2. Os textos serão facultados aos participantes.



Joaquim Bravo, *Sem título*, 1982 (pormenor) · Coleção da Caixa Geral de Depósitos
Fotografia: Laura Castro Caldas/Paulo Cintra

Sopa Nuvem

ESPETÁCULO

Destinatários:
famílias e grupos organizados
(crianças dos 6 aos 12 anos)

Grupos escolares:
Qui 26 de fevereiro, 10h
e 14h30; Sex 27 de fevereiro
10h · 2,50€

Para famílias:
Sáb 28 de fevereiro
e dom 1 de março · 16h
3,50€

Sala 6 · Duração: 1h
Lotação: 60 participantes
Marcação prévia
Lotação limitada

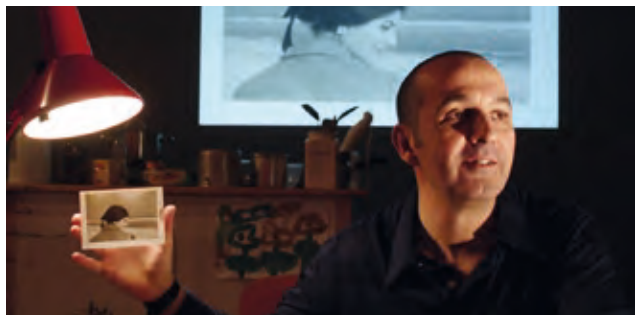
Conceção e dramaturgia António-Pedro e Caroline Bergeron, a partir de uma ideia original de António-Pedro **Encenação** Caroline Bergeron **Composição, música e realização dos filmes** António-Pedro **Interpretação** António-Pedro e Gonçalo Alegria **Cenário** Caroline Bergeron **Coaching técnico e som** Gonçalo Alegria **Desenho de luz** André Calado **Realização cenário** Nuno Melo **Produção executiva** Ana Rita Osório **Assistência de produção, ensaios e cenografia** Miguel Estanislau **Interpretação nos filmes** José-Maria Lobo Antunes, Candido Ferreira, António Pedro Câmara, António-Pedro, Leonor Noivo e António Vasques **Montagem** Leonor Noivo e António-Pedro **Pós-produção som** Moz Carrapa **Convidados especiais** Bigodes Band **Espetáculo encomendado e financiado** pelo Centro Cultural de Belém / Fábrica das Artes **Coprodução** Centro Cultural do Cartaxo **Apoio** Kodak, ACCCA, Dupla Cena, SOAZILOPE Lda, Fundação Calouste Gulbenkian e Dgartes

Mais do que “baseado numa história verídica”, *Sopa Nuvem* é uma história onde todos os personagens, objetos e a sopa que é servida aos espectadores no fim, são reais.

Um homem conta-nos a sua história: o seu filho lembra-se do avô que morreu e, mais que tudo, da sopa de feijão que ele tão bem fazia. O pai parte então numa viagem, para dentro e fora de si, à procura da misteriosa receita do Avô António.

Pela janela da sua sala, transformada em ecrã, o homem faz cinema ao vivo: fala com o seu filho pelo *skype*, entrevista velhas tias e amigos do seu pai, entra no filme para comprar feijões. Sempre em relação com o ecrã, toca a banda-sonora e vai cozinhando a sopa, seguindo contraditórias indicações.

Com este pai que procura não só a receita mas também aceitar a sua perda, mergulhamos na vida de um homem comum, evocando, com humor e ternura, a morte, a passagem de testemunho, a família e o amor que tudo atravessa.



© Caroline Bergeron

A Grande Invasão

ESPETÁCULO

Destinatários:
famílias e grupos organizados
(crianças dos 6 aos 12 anos)

Para famílias:
Sáb 21 e dom 22 de março
16h · 3,50€

Sala 3 · Duração: 1h
Lotação: 60 participantes
Marcação prévia
Lotação limitada

Criação, direção artística e encenação Caroline Bergeron **Interpretação** Catarina Santana **Aparição nos filmes e fotografias** António-Pedro, Claudia Andrade, Francisco Campos, Gaspar Vasques, Maila Dimas, Miguel Antunes, Miguel Chaves, Nicolas Brites, Patricia Almeida, Paula Diogo de Carvalho, Vasco Diogo **Ilustrações** Antoine Blanquart **Ambiente sonoro e realização dos filmes e fotografias** António-Pedro **Edição, montagem e efeitos especiais** Guilherme Pina **Caracterização e cabelos** Jorge Bragada **Produção** Companhia Caótica **Produção executiva** Stage One **Residência** Espaço do Tempo e Centro Cultural Vila Flor **Coprodutores** Culturgest, Centro Cultural Vila Flor, Teatro Municipal da Guarda, Centre Culturel Pablo Picasso, Théâtre de Villeneuve les Maguelonne, La Ligue d'Enseignement **Espetáculo coproduzido no âmbito da Rede 5 Sentidos**

A Grande Invasão é um documentário ao vivo que confunde alegremente e sem vergonha a ciência e a fantasia, criando uma impostura jubilatória que ridiculariza suavemente a nossa maneira de viver.

Uma mãe conferencista testemunha e documenta por intermédio de fotografias, ilustrações e vídeos, o seu encontro e vivência quotidiana com um grupo de Sereias. Estas terão provocado uma epidemia na vila de Alcochete, junto de todos os que com elas tiveram contacto.

De relato documentado, o objetivo da conferência transforma-se num pedido de ajuda ao espectador, que é convidado a assinar uma petição que liberte as Sereias da tutela do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, onde estão confinadas para investigação.



© Antoine Blanquart

Férias de Páscoa na Culturgest

OFICINAS

Destinatários:
crianças

Dos 6 aos 8 (crianças nascidas até 2008) e dos 9 aos 12 anos (crianças nascidas até 2005)

De seg 23 a sex 27 de março 40€ (5 manhãs ou 5 tardes)
De seg 30 março a 1 de abril 24€ (3 manhãs ou 3 tardes)

Manhãs: das 10h às 13h
Tardes: das 14h30 às 17h30
Marcação prévia
Lotação limitada

As oficinas que ocupam o dia inteiro têm disponível um serviço de acolhimento (2€ valor diário) para as crianças que quiserem trazer almoço de casa. Lotação limitada. É necessária marcação prévia.

Prolongamento de horário:
Manhãs: das 9h às 10h
Tardes: das 17h30 às 18h30
2€ (valor diário)
Mínimo: 5 participantes

Desconto de 30% na inscrição do segundo filho ou para filhos de colaboradores da CGD (desconto incide sobre o menor valor e não é acumulável ou aplicável ao almoço e/ou prolongamento de horário). Desconto de 50% para filhos de desempregados

Realidades de contrabando

Coordenação Caroline Bergeron **Orientação** Caroline Bergeron (autora e encenadora), Patrícia Freire (artista plástica), Catarina Santana (teatro físico), Margarida Mestre (voz)

Se pudesse criar um mundo, seria como?
Um mundo aquático?... Um mundo de sereias!
Como seria o meu mundo de sereias?
Como é que vivem? Casam? Têm filhos? Morrem?
Como seria um casamento de sereias?

Um conjunto de oficinas artísticas diversas para criar, inventar e fabricar artefactos, música e rituais decorrentes de uma civilização de sereias. Estas oficinas são inspiradas no espetáculo *A Grande Invasão*, da Companhia Caótica, que será apresentado um dia antes na Culturgest. (ver página anterior)

Formulário de inscrição e programa completo a partir do dia 4 de fevereiro, em www.culturgest.pt/se



© Caroline Bergeron

A Bracilagem: o diário íntimo da sereia

EXPOSIÇÃO

Destinatários:
famílias e crianças

De 21 de março a 1 de abril
Foyer superior do Grande Auditório (piso 1)
Entrada livre

Exposição de Ilustração Científica

Conceção Caroline Bergeron

Exposição que apresenta bracilagens de sereias de diferentes idades. Recentes revelações, feitas por sereias de Alcochete, permitem agora trazer ao público estas bracilagens tornadas perfeitamente decifráveis para toda a família.

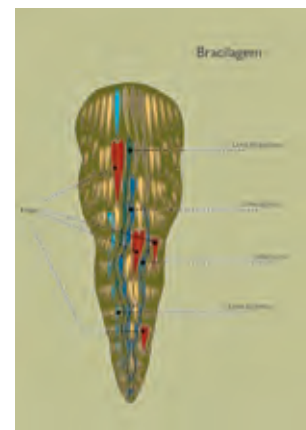
Alguma informação de cariz científico: uma barbatana com funções específicas

As sereias possuem uma espécie de barbatana que cresce ao longo do braço direito. Os peritos acreditam que *bracilagem* é a palavra que foneticamente mais se aproxima da palavra que as próprias sereias usam para a designar.

Trata-se de um elemento essencial na sobrevivência desta espécie e detém características, propriedades e funções únicas. Esta barbatana configura-se como um diário orgânico da vida da sereia dado que toda a sua vida emocional, sentimental e social se encontra nela gravada. Este processo de gravação é feito através de um código orgânico revelado pública e recentemente por três sereias de Alcochete.

Quando estes espécimes nascem, a bracilagem é de pequenas dimensões, crescendo ao longo dos anos. Nos indivíduos mais maduros está geralmente escondida com a finalidade de preservar os pormenores íntimos das vidas destes seres.

A bracilagem tem uma outra propriedade de relevo: permite emitir hormonas de “ajuda” que são imediatamente captadas por todas as bracilagens num raio de vários quilómetros. Este fenómeno deu azo à existência do famoso ditado “quando uma sereia chora, todas as sereias choram” e é particularmente benéfico para esta espécie já que, machos ou fêmeas, nunca choram sozinhos. O problema é que quando uma sereia chorona se esconde, a crise coletiva de lágrimas pode durar várias semanas até que ela seja localizada e consolada...



© Caroline Bergeron

Proibido calar cartazes!

VISITA PERFORMATIVA

Conceção e interpretação Ana Teresa Magalhães e Leonor Cabral

Destinatários:
público em geral, famílias
e grupos escolares (a partir
dos 6 anos)

Público em geral e famílias:
Sáb 21 e 28 de fevereiro,
dom 22 de fevereiro,
dom 1 de março · 16h
3,50€

Grupos escolares:
De ter 24 a sex 27
de fevereiro · 11h
2,50€

Galerias 1 e 2
Duração: 40 minutos
Marcação prévia
Lotação limitada

- Já foste à exposição da Culturgest?
- Eu já. (silêncio...)
- É sobre o quê?
- Sobre...
- Isso parece-me interessante.
- Acho que tenho de ir lá outra vez... Queres vir?
- Quantas vezes é preciso ir?

Dois corpos atravessam as galerias da Culturgest descobrindo vários universos artísticos através de uma experiência sensorial. O convite é alargado a todos: visitar a exposição *Querido, reorganizei a coleção... por artista* e ver os cartazes ganhar tridimensionalidade possibilitando outras formas de olhar.

Esta visita performativa proporciona a exploração da multiplicidade de diálogos entre o cartaz e o espectador. A perceção do objeto artístico faz-se também em movimento, a partir de diferentes dinâmicas do corpo e dos sentidos. Vamos sentir o pulsar das paredes: o que existe aqui e agora?



Celebra o teu dia de anos com arte

OFICINAS

Destinatários:
dos 5 aos 12 anos

Duração: 2h30 · 170€
Lotação: 20 participantes

Qualquer atividade de festa de anos inclui:
- Oficina em sala com mesa para o lanche que os pais queiram trazer
- 1 artista orientador e 1 assistente
- Uma atividade para adultos na galeria (1h30, marcação prévia)

Oficinas práticas de expressões artísticas variadas

Conceção e orientação Ana Nunes, Joana Barros, João de Brito, Leonor Cabral e Tiago Pereira

Num espírito lúdico e suavemente educativo, estas oficinas promovem o contacto com as artes, desenvolvem a criatividade e estimulam o pensamento divergente.

Existem várias atividades disponíveis. Solicite o programa através do e-mail culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

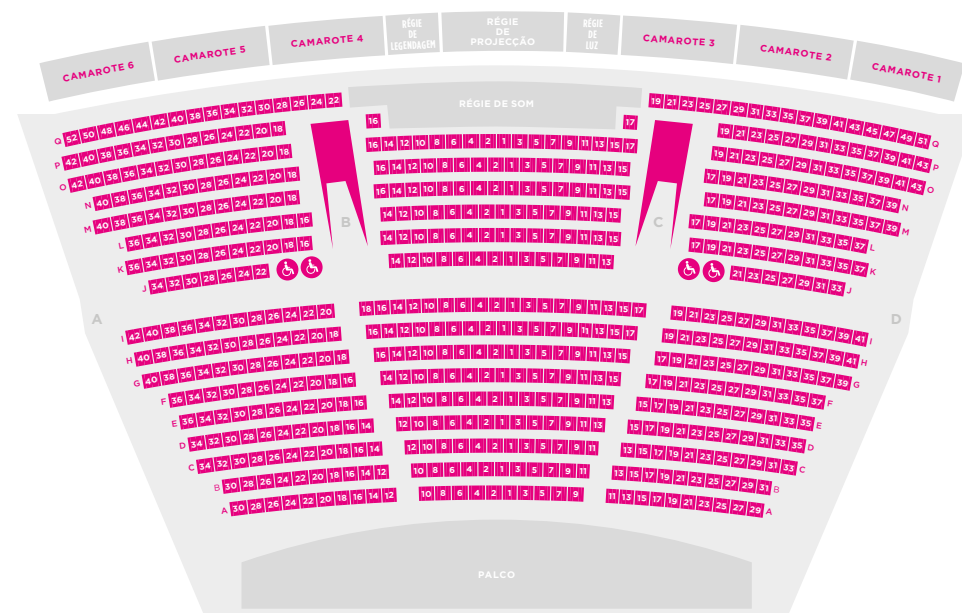
Enquanto os mais novos se divertem...

Convide os outros pais para uma atividade (gratuita) na galeria. A atividade termina um pouco antes do final da oficina das crianças.



Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

- Alexandre Estrela (artista plástico)
- Alice Neiva (coordenação)
- Ana Isabel Gonçalves (teoria da arte)
- Ana Nunes (teoria e filosofia da arte)
- Ana Teresa Magalhães (artista plástica)
- António M. Duarte (psicologia)
- António-Pedro (realização e som)
- Bruno Marques (teoria da arte)
- Caroline Bergeron (autora e encenadora)
- Catarina Santana (teatro físico)
- Irina Raimundo (artista plástica)
- Isabel Trindade (APECV)
- Joana Barros (atriz)
- Joana Batel (teoria da arte)
- Joana Ratão (artista plástica)
- João Catarino (Ar.Co)
- João de Brito (ator)
- João Queiroz (artista plástico)
- Leonor Cabral (atriz)
- Maria Almeida (expressões artísticas variadas / escrita criativa)
- Maria Vlachou (Acesso Cultura)
- Margarida Mestre (voz)
- Miguel Branca (teatro gestual)
- Nuno Bernardo (realizador)
- Patrícia Freire (artista plástica)
- Pietra Fraga (produção)
- Raquel Ribeiro dos Santos (coordenação)
- Susana Alves (psicóloga educacional e mediadora)
- Susana Gaudêncio (artista plástica)
- Susanne Themlitz (artista plástica)
- Teresa Eça (APECV)
- Tiago Batista (artista plástico)
- Yola Pinto (bailarina)



Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · Fax: 21 848 39 03 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt
 Horário de atendimento telefónico: das 10h30 às 12h30 e das 14h30 às 17h

Grande Auditório

Galerias

Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h (última admissão às 17h30).
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
Encerram à segunda-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

Bilheteira

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições a bilheteira está aberta todos os dias das 11h às 19h.

Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

Assinaturas

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

Descontos

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold, Visabeira Exclusive, Caixa Woman, Caixa Drive** e **Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU, ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos e desempregados: 5€ Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

Livraria

Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira, das 11h às 18h.
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.
Encerra à segunda-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

Cafetaria

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h.
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

Culturgest

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa
Telefone: 21 790 54 54

Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756*
Campo Pequeno / Av. República 727,* 736, 738, 744, 749,* 754,* 783; Pç. Londres 722, 767
Av. Roma: 735, 767
*A carreira 756 só funciona ao sábado de manhã. Durante sábados, domingo e feriados as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona do Campo Pequeno.

Culturgest Porto

Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30 às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

Informações e reservas

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline
Reservas e informações 1820 (24 horas)
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Acesso a pessoas de mobilidade reduzida
Áreas acessíveis a pessoas de mobilidade reduzida, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a pessoas de mobilidade reduzida sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

Lembramos que não é permitido gravar nem fotografar os espetáculos. Não se esqueça de desligar o telemóvel: a luz dos ecrãs perturba os artistas e o público.

[As bilheteiras, as galerias e a livraria encerram no dia 1 de janeiro.](#)

Não faça do seu evento
um acontecimento periférico.
**Temos o espaço para si
no centro de Lisboa.**
Venha conhecer-nos.



Informações 21 790 54 54
culturgest.ac@cgd.pt
www.culturgest.pt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Apoios:



Apoio na divulgação:



As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.

Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber a programação da Culturgest
envie-nos um e-mail para culturgest.newsletter@cgd.pt
ou inscreva-se na nossa mailing list em www.culturgest.pt.

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De terça a sexta-feira das 11h às 18h
(última admissão às 17h30).

Sábados, domingos e feriados, das 11h às 19h
(última admissão às 18h30).
Encerram à segunda-feira.

Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora
de início do mesmo.

Nos períodos em que não há exposições
a bilheteira está aberta todos os dias
das 11h às 19h.

Bilheteira das galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h.
Sábados, domingos e feriados das 11h às 19h.
Encerra à segunda-feira e nos períodos em
que não há exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espetáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego n.º 50, 1000-300 Lisboa
Telefone: 21 790 54 54

Metro: Campo Pequeno

Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756*
Campo Pequeno / Av. República 727* 736,
738, 744, 749,* 754,* 783; Pç. Londres 722, 767;
Av. Roma: 735, 767

* A carreira 756 só funciona ao sábado de
manhã. Durante sábados, domingo e feriados
as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona
do Campo Pequeno.

CULTURGEST PORTO

Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30

às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.

Edifício Caixa Geral de Depósitos

Avenida dos Aliados n.º 104, 4000-065 Porto

Telefone: 22 209 81 16

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest

21 790 51 55

culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline Reservas e informações: 1820 (24h)

Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria

Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,

C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,

Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Janeiro Fevereiro Março 2015

CALENDÁRIO

Culturgest
uma casa do mundo